



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

PR 25061



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

VISITA
DO
PRESIDENTE
JOÃO CAFÉ FILHO
A
PORTUGAL

354.81035
C129v



SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO
1955

Presidência da	
República	
BIBLIOTECA	
N.º	DATA
4420	24.7.57



OS PRESIDENTES CAFÉ FILHO E CRAVEIRO LOPES

Fenómenos sociais e históricos aproximam, através dos séculos, os destinos de brasileiros e portugueses, que lutaram em horas amargas na defesa da terra comum e traçaram um panorama cultural com a formação de uma sociedade nova sob os trópicos. Essa ação conjunta correu para consolidar a posição desses dois povos, que melhor se compreenderam e se uniram sob a cúpula da soberania de nações independentes.

Joaquim Nabuco ao afirmar, com a autoridade do seu saber, que "Os Lusíadas" e o Brasil haviam sido as maiores glórias de Portugal, criou um símbolo novo, de rara expressão, que ainda mais nos irmana à pátria portuguesa, da qual, se nos desune a geografia física, mais e mais nos aproxima e estreita a geografia do espírito, a geografia da cultura, a geografia de uma histórica e mútua compreensão.

E essa verdade patenteou-se mais uma vez, agora, com a recepção que o Brasil recebeu da parte de todas as classes portuguesas que, unissonamente, prestaram as maiores, as mais expressivas, as mais belas homenagens à nossa pátria, na pessoa do seu preclaro Presidente, João Café Filho.

O documentário que se enfeixa neste volume tem significação especial, porque demonstra, realmente, que Brasil e Portugal — cuja história o destino irmanou através dos tempos — se entendem e caminham dentro daquela mesma paisagem moral que o passado amalgamou.

Tendo sido o Presidente Café Filho o primeiro Chefe de governo do Brasil a visitar a terra lusa, nestes quase 500 anos de vida, o fato revestiu-se de singular signifi-

ção e a alma portuguesa, coesa e sensível, deu-lhe o colorido que na verdade devia ter, pois essa visita, em que brasileiros e portugueses comungaram o mesmo sentimento de cordialidade e amor, criou como que novo pacto de amizade selado entre as duas pátrias para o futuro.

Fixando esta documentação, que tanto nos desvanece, o Serviço de Documentação do D.A.S.P., além de cumprir dispositivo do regimento, consolida a nova diretiva que se traçou quanto ao lançamento de publicações de utilidade documentária, sempre com intuito educacional, ensejando melhor divulgação de coisas e fatos expressivos de nossa nacionalidade.

LUIZ PINTO

Diretor do Serviço de Documentação
do D.A.S.P.

ÍNDICE

	Págs.
Palavras do Presidente Café Filho aos jornalistas portugueses	7
A Grã-Cruz da Banda das Três Ordens — Palavras do General Craveiro Lopes, Presidente da República Portuguesa	9
Recepção conjunta do Parlamento Português — Discurso do Sr. Conselheiro Albino dos Reis	13
No Palácio da Assembléia Nacional — Palavras do Deputado Lopes de Almeida	17
Palavras de Júlio Dantas	29
O Respeito à Lei — Discurso do Presidente João Café Filho	39
A Imprensa no Palácio Queluz — Palavras do Presidente Café Filho	45
Sessão Solene da Câmara Municipal de Lisboa — Palavras do Tenente-Coronel Salvação Barreto	49
Os Portugêses são os Brasileiros da Europa — Discurso do Presidente João Café Filho	53
No Palácio da Ajuda — Palavras do General Craveiro Lopes	57
Uma Velha Afeição de Família — Discurso do Presidente João Café Filho	63
Doutor "Honoris-Causa" da Universidade de Coimbra — Discurso do Dr. Afonso Queiró	71
Insígnias de Doutor "Honoris-Causa" — Discurso do Professor Eduardo Correia	77
Um Sentido de Eternidade que Desafia o Tempo — Discurso do Presidente João Café Filho	83
Na Universidade de Coimbra — Discurso do Professor Maximino Correia	91
Um Estudante Português Saúda o Presidente do Brasil — Palavras de Antônio Manuel de Mascarenhas Galvão	97
Fala em Coimbra um Estudante Brasileiro — Palavras de Fernando de Albuquerque Mourão	101
Na Cidade do Pôrto — Palavras do eng. ^o José Vaz	105
Ainda na Cidade do Pôrto — Discurso do Presidente Café Filho	109
Na Câmara Municipal do Pôrto — Palavras do eng. ^o José Vaz	113

	Págs.
Ainda na Câmara Municipal do Pôrto — Discurso do Presidente João Café Filho	117
Na Câmara Municipal de Guimarães — Saudação do Dr. José Maria de Castro Ferreira	121
Saudação à Terra de Afonso Henriques — Discurso do Presidente João Café Filho	125
O Presidente do Brasil recebe no Palácio Queluz	129
Despedida do Presidente do Brasil — Palavras do Presidente Café Filho	133
Almôço no Palácio de Sintra — Palavras do Professor Paulo Cunha	137
Ainda no Palácio de Sintra — Palavras do Dr. Raul Fernandes	141

PALAVRAS AOS JORNALISTAS PORTUGUÊSES

Ainda sob os efeitos das vibrantes e generosas manifestações com que as autoridades e o povo acabam de acolher-me em Lisboa, proporcionando um espetáculo de civismo e fraternidade que jamais esquecerei, muito me apraz deixar consignada a profunda e sincera emoção com que, neste instante, piso a "terra firme" de Portugal, na mesma data em que, há 455 anos, o navegador lusitano Pedro Álvares Cabral incorporou o Brasil ao patrimônio da civilização ocidental. Embora tenha vindo retribuir a visita feita há 33 anos pelo Presidente Antônio José de Almeida, por ocasião do centenário da independência do meu país, sinto que a dívida de gratidão dos Brasileiros para com os Portugueses, em vez de ficar saldada, aumentou.

22-4-55.



A GRÃ-CRUZ DA BANDA DAS TRÊS ORDENS

*PALAVRAS DO GENERAL CRAVEIRO
LOPES, PRESIDENTE DA REPÚBLICA
PORTUGUESA, DURANTE A REALIZA-
ÇÃO DA CERIMÓNIA, A 22 DE ABRIL
DE 1955.*

Senhor Presidente dos Estados Unidos do Brasil:

Muito me apraz aproveitar a oportunidade desta visita para entregar a Vossa Excelência as insignias da Grã-Cruz da Banda das Três Ordens com que, no uso de prerrogativa que me é conferida pela lei, agraciei V. Ex.^a.

Esta decisão, em que Portugal inteiro me acompanha, patenteia o muito aprêço em que tenho os méritos de Vossa Excelência e manifesta à querida e grande nação brasileira a amizade fraterna que lhe dedicamos.

Que esta condecoração que V. Ex.^a recebe, como Primeiro Magistrado da República do Brasil, recorde a todos os brasileiros que as três Ordens da Cavalaria — Cristo, Aviz e Sant'Iago — escreveram capítulos gloriosos da história que é comum às duas Pátrias.



RECEPÇÃO CONJUNTA DO PARLAMENTO
PORTUGUÊS

*DISCURSO DO SR. CONSELHEIRO AL-
BINO DOS REIS AO ABRIR A SESSÃO
CONJUNTA DAS DUAS CAMARAS DO
PARLAMENTO PORTUGUÊS, EM 22 DE
ABRIL DE 1955.*

Senhor Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil:

Em nome da Assembléia Nacional e da Câmara Corporativa aqui reunidas eu quero agradecer a alta honra da presença de V. Ex.^a a esta sessão conjunta. E' efetivamente a maior honra a que podíamos aspirar e ao mesmo tempo a mais expressiva homenagem que poderíamos prestar à Nação brasileira e ao seu primeiro Magistrado. O fato passa sôbre quaisquer disposições regimentais.

Superior a estas paira a realidade dominadora e simpática da existência duma verdadeira comunidade de nações, que a força não engendrou, que os vínculos políticos não atam, que os interesses mercantis não alimentam, nem prolongam.

Comunidade de História, de língua, de crenças, de sangue, de sentimentos, de espírito, de nobres aspirações que um oportuno instrumento diplomático, em pleno desenvolvimento, felizmente, reconheceu e sancionou, ela recebe hoje aqui, com a presença de V. Ex.^a no seio da Representação Nacional, a mais solene e a mais comovida das consagrações.

E' o sangue irmão, fiel ao longo das idades e na sucessão das gerações que, dum lado e do outro do Atlântico, se alvoroça e se exalta, no legítimo orgulho do seu nobre passado, nas luminosas perspectivas dum grandioso destino comum.

As duas Câmaras exprimem, Sr. Presidente, os mais calorosos votos para que essa Comunidade seja cada vez mais íntima, mais forte, mais eficiente, com maior projeção

no Mundo, para que os dois povos irmãos mais e mais se compenetrem de que ainda há na vasta Humanidade gloriosas missões de civilização e de paz a realizar, conjuntamente.

Dignos Representantes da Nação Portuguesa!

O Brasil está presente na pessoa do seu mais alto Magistrado. De pé, na emoção sagrada do momento histórico que passa, saudemos o Brasil: o Brasil, a grande e jovem e já gloriosa Nação irmã a quem, nos nossos corações de portugueses confundimos no mesmo afeto, na mesma ternura, no mesmo culto, com o nosso velho e glorioso Portugal!

Saudemos o seu eminente Chefe de Estado. Afirmitos assim, perante o Mundo, e frente ao futuro, a nossa fé e a nossa confiança, nas infinitas possibilidades do nosso gênio, na eternidade da nossa civilização comum!

E' sob o império dêstes sentimentos que, com vênia de V. Ex.^a, Sr. Presidente, eu declaro aberta a Sessão.

NO PALÁCIO DA ASSEMBLÉIA NACIONAL

**PALAVRAS DO DEPUTADO PROFESSOR
DR. LOPES DE ALMEIDA, NA SESSÃO
CONJUNTA DAS DUAS CAMARAS DO
PARLAMENTO PORTUGUÊS, EM 22 DE
ABRIL DE 1955.**

Subo à tribuna com a emoção natural de quem tem de desempenhar-se dum encargo honrosíssimo, e não desconhece as responsabilidades que oferece a eminência do lugar. Homem habituado a obedecer, arrisca-se a muito.

E todavia, nada pode ser mais grato ao coração dum português que dar-se ocasião de exprimir "pro rostris" as alegrias sinceras e os sentimentos festivos de todo um povo, neste lugar da sua legítima soberania, ainda que saiba que a sua palavra é débil e de fraco engenho.

Hoje se reúnem, em ato excepcional, as duas Câmaras representativas da vida orgânica da Nação Portuguesa, com desusado luzimento e geral expectação, mas não vai tão longe a nossa admiração que se estranhe assim. A perfeita amizade não admite quebras e os laços do sangue apertam muito conosco. As fortes alegrias movem as almas no mais íntimo e às vêzes dão razão a lágrimas, que sobem do coração aos olhos misturadas de sorrisos. Homem sensível não pode sopear êsse regalo amaro, e ainda que estremeça de comoção caminha direito à causa do seu afeto. Que festejamos nós?

As nações costumam inscrever nos seus memoriais as datas mais expressivas ou os fatos mais relevantes da sua vida e do seu destino, e conservando essas lembranças imorredoiras não menos as veneram que delas extraem fecundo incentivo. Há momentos na vida dos povos que são franca e coincidentemente propiciatórios de outros grandes acontecimentos, dêstes que denunciam a prossecução dum pensamento criador, que implicam o respeito duma ação destacada, que impõem o reconhecimento duma alta virtude, que mostram o merecimento duma vida sin-

gular em benefício da civilização humana. E' então que a nossa consciência abrange, na sua magnitude e no seu esplendente significado, a obra heróica e bela em cujo exemplo o espírito se recria e ganha novas asas.

Quis V. Ex.^a, Sr. Presidente da República do Brasil, em tal dia como o de hoje, fazer coincidir a sua presença veneranda com a lembrança da hora em que os olhos perscrutadores e embevecidos de marinheiros portugueses se rasgou o fino pano de bruma que velava a terra da Vera Cruz.

Faz hoje precisamente quatrocentos e cinqüenta e cinco anos.

A vida e o destino comum dos nossos povos ambos provêm daí, dêsse momento genesiaco em que o homem se castiça amorosamente com a terra virgem e fecunda, e a revela nas formas puras da sua origem, nos encantos, no mistério e na fôrça quase inviolável da beleza inicial. Deus nos deu a graça de não só plantar a árvore prometedora, mas de transmitir a sua palavra santa e o sôpro do seu espírito imortal. E que maior alegria do que esta?

Estamos na realidade muito contentes, e ao dizê-lo assim tão singelamente, sinto que tôdas as palavras são bem pálidas e fracas para exprimir o alvoroço e a gratidão dos nossos ânimos, pois neste dia de bom augúrio o laço das origens comuns se aperta, cerra e firma com renovado empenho.

A vinda à nossa terra dum Chefe de Estado é sempre assinalável nos fastos e no coração dum povo amigo, mas agora me parece que a presença do mais alto magistrado do Brasil sobrepassa o ato de fidalga cortesia que é de usança entre gente que bem se estima. A consciência vigilante e coletiva duma sociedade, esclarecida de si mesma sem altivez, transmite duma geração a outra a chama sagrada com que alimenta as suas recordações veneráveis. O nosso povo não conhece a história pelos livros, absorve-a nos lábios dos contemporâneos e nas

recordações muito vivas de que falam os seus maiores. Esta é uma espécie de catequese, expressa em pequenas flores de eloquência humana, que modela o homem moral e lhe dá uma sensibilidade capaz e fina para tesouro de virtudes. Por êsse país afora vai um contentamento inexaurível, e é caso disso, porque todo o Brasil está junto a nós na pessoa insigne e na representação eminente do seu Chefe de Estado.

Veio V. Ex.^a a esta casa que tem nobres tradições de civismo, independência e dignidade. Êste é o lar de nossas liberdades e de nossos anseios, de nossos protestos pelo bem da Pátria, de nosso reconhecimento por tudo o que de grande lhe é devido. Para o receber, reconstituiu-se a antiga sinarquia portuguesa, pela conjugação das duas Câmaras que representam e exprimem tôda a nossa vida política e social, na sua estrutura mais ampla e mais significativa.

O nosso atual direito político e a nossa vigente organização corporativa, permitem aos cidadãos portugueses uma representação efetiva e uma intervenção eficaz nos atos e promessas da orgânica estadual. Neste momento, apenas desejo marcar êsse poder de direito de representação para assinalar a V. Ex.^a que homens de tôdas as províncias de Portugal, e tantas são as espalhadas no mundo, somos presentes nesta sala, na maior diversidade do nosso múnus social e intelectual, desde o artífice ao sacerdote, professôres e acadêmicos, soldados e marinheiros, artistas e técnicos, tôdas as camadas essenciais do nosso povo na mais expressiva e larga convivência política. E' Portugal inteiro que acolhe V. Ex.^a com franca admiração, com sincero respeito e com funda gratidão. E como não seria assim?

A presença de V. Ex.^a não a tomamos, não, como simples visita de cortesia, o que já seria muito, mas como o entreabrir das lêdas esperanças que surgem nos caminhos paralelos da comunidade luso-brasileira. Desejo

recordar que, há vários anos, um Chefe de Estado de Portugal quis aliar a sua pessoa à glorificação do justo e legítimo título de maioridade do Brasil, levando consigo o sentimento geral do seu País e dizendo ali palavras cujo eco não se extinguiu ainda. Foi nobre, foi gentil, na fluência do seu verbo assinalável e como cumpria à sua alma e à sua elevada posição política. Agradecemos à sua memória ter permitido esta jornada que V. Ex.^a empreendeu, mas não hei de só prender a êsse fato a nossa consciência de hoje e a nossa bem-querença de sempre. O homem é uma carne inteligente, já o disse um Poeta, e como tal, um conjunto de afeição, um nódulo de afagos que estreitam e enlaçam a sua capacidade de compreensão. Por isso, o que lhe fala ao coração integra-se potencialmente na sua própria concepção da vida e rasga-lhe os olhos para as imagens da sua adoração.

Senhores! Tenho presente, em nítida representação mental, todo o desenho e recorte espiritual dessa terra eleita e bem-amada cuja face se alonga na outra margem do mar-oceano, terra do Brasil, pela qual o nosso coração se alvoroça e pulsa com amor fraterno. Como a não evocarei, se bem conheço o tom das águas, o perfil dos montes, a côr do céu, o ritmo da vida, a capacidade da inteligência, a afetividade estreme? De Norte a Sul a percorri mais do que uma vez, com devoção e respeito, com alegria e orgulho, colhendo em mim saudades fundas e também derramando lílialis esperanças de voltar.

Ninguém pode sentir-se indiferente em terra acolhedora e boa, e ademais se nela habita uma alma gêmea, uma consciência próxima, um sentimento irmão. Aí tudo nos fala, se insinua, e mostra com naturalidade, de impressiva e fácil transposição, de peito, em cordial e grata sinceridade. Pois é isso que nos atrai e prende a essa terra, de tão doce trato e carinho brando, cuja alma vem brincar nos olhos dos seus filhos com vivacidade e alegria. Povo de caráter bem temperado nos esforços prodigiosos para atingir o alto plano das nações mais avançadas na

cultura e no domínio econômico, não cede os valores essenciais da sua formação moral às falazes tessituras políticas e sociais que cometeram pecados tremendos no mundo presente. Onde o espírito se perde, fácil é perderem-se os bens e a fartura. Onde as garantias de direito natural se escusaram, o homem se despenha na servidão e na barbaria.

Povo feliz, aquêlê que não olvida as razões profundas da sua existência, e se esforça por rejuvenescer e aprumar-se na consideração alheia, que gasta a sua inteligência e emprega o seu valor sem menosprêzo da simplicidade da vida habitual, consciente de quanto vale e mirando ao futuro de todo imprevisível. Esta consideração em que envolvo o povo brasileiro, é o que poderia chamar-se o significado constante, quase intemporal, das virtudes e do casticismo dum povo com arraigada consciência nacional e apurado sentido cívico, para o qual os testemunhos da sua ascendência não minimizam, antes estimulam e impelem a rasgos insuperáveis de progresso e modernidade.

Reconhecer isto é louvá-lo, compreender é amá-lo.

Na pessoa do seu venerando Chefe de Estado, o Brasil inteiro está hoje em nossa companhia, e é propícia a hora para de coração aberto proferirmos uma palavra de como-vido agradecimento por que fatos recentes a justificam e reclamam.

Eu estava no Brasil quando se cometeu contra a soberania portugueza uma violência a que só chamarei de negregada, atentatória dos mais legítimos direitos que a consciência internacional diz respeitar. Tais direitos só os não vê, e não resguarda, quem abandonou, ou desrespeita, os valores que fizeram a honra e a dignidade internacionais, quem usa a fôrça bruta da sem-razão e da iniquidade, quem se move na esfera mordiscante e desagregadora que trouxe ao mundo a inquietação permanente, a inconstância do pensamento ordenador, a desconfiança e ressalva da palavra dada, a ineficácia da execução amigável, enfim, a

ruína dos conceitos morais que guiaram a ação dos homens como justos juizes da ordem e da segurança entre as nações. Eu estava no Brasil quando nessa hora ingrata se alanceou o povo português no mais vivo e sensível da sua consciência militante pelo bem da civilização humana, e se procurou iludir a consciência universal figurando uma tal ação dolorosa com rosto de vindicação nativa. A bocarra enorme do gigante dispunha-se a tragar o pequenino e já cristão David. Ó as fauces tremendas como causam espanto! Para que tanto estrondo e arreganho?

Só conhece quão dobradas são as doses do sentimento patriótico quem se viu agravado e ausente da sua terra, ainda que na mesma doce fala lhe cheguem consolações e palavras de fé. Mas há uma coisa que eleva o coração e enobrece o sentimento, é ver com quanta fôrça e generosidade a gente amiga repudia a feia ação maldosa, e se ergue com ímpeto vibrante a conhecer o acinte injustificado e cruel. Jamais o coração português poderá olvidar a expressão pública do sentimento do nobre povo brasileiro e ninguém em Portugal deixou de sentir o latejar dêsse peito amigo, dessa alma fraternal, como se fôra da sua própria alma batida noutro cristal.

A mágoa e a dor prendem os homens em laços muito fortes, e basta uma palavra ou um ligeiro aceno para criar entre êles um solidário entendimento espiritual. E tanto mais robustos, quando nada os separa, nada os aparta do mesmo tronco familiar, braços irmãos do mesmo ramo atlântico, originários de igual recendência espiritual, cerne do mesmo veio ocidental, gritando às procelas da vida no mesmo vernáculo e bendizendo a Deus com a mesma fôrça interior. Aqui está o plasma vivificador do nosso perpétuo entendimento e de nossa enternecida estima, que torna sensível o acôrdo de duas nações de maneira tão simples e tão grande. Eis aqui onde vai dar a fonte de nossos bens comuns, na qual o espírito e o coração descobrem sem intermitências novas razões de compreensão e de amor, e

onde se conjugam castamente interesses superiores, bem entendidos na concordância e na fidelidade ao pensamento ordenador das leis particulares.

Os portugueses costumamos ser agradecidos, e tanto mais quanto à justiça o pede. Bem haja o Brasil pela sua solidariedade numa ocasião inesquecível para o coração do nosso povo.

* * *

No ano passado festejou o Brasil algumas datas fundamentais da sua história, e como era próprio de festa de família não podia Portugal estar ausente. Coube-nos pois uma parcela nessas comemorações grandiosas e solenes, e permitiram elas que figuras destacadas do nosso meio intelectual pudessem aproximar-se e conviver com os seus pares do Brasil. O Governo Português, na clara observância do seu dever moral a que, aliás, nunca faltou, fêz-se representar por S. Ex.^a o Ministro dos Negócios Estrangeiros, com a distinção que é norma dos homens eminentes e a simpatia dos espíritos raros. Foi uma oportunidade singularíssima para os milhares de portugueses, que ali trabalham com dedicação e honradez, saberem quanto são estimados pelo governo do seu País, que reconhece quanto seu amor à terra onde moram só prolonga o mesmo enternecido afeto à terra-mãe. Foi uma ocasião sem par para robustecer e selar as promessas e os atos das horas solenes que vivemos.

Com motivo se diz que só se ama o que bem se conhece. Houve tempos em que apenas de raro em raro os representantes da literatura e das ciências visitavam reciprocamente os dois países irmãos, e mais extraordinárias ainda as estadas com verdadeira significação cultural. Neste particular, de alguns anos para cá, tudo é novo e diferente, e a frequência com que passaram a encontrar-se os intelectuais de Portugal e do Brasil criou, e não seria de outro modo, maiores solicitações e mais vasta curiosidade pelos problemas culturais de ambos os povos. Quem algu-

ma vez assistiu a congressos e reuniões científicas internacionais conhece estreitamente a camaradagem e a constante familiaridade que logo se estabelece entre brasileiros e portugueses, e como tais contatos têm sido efetivamente úteis para um mais acentuado conhecimento mútuo.

Foram principalmente as comemorações centenárias de Pernambuco e de São Paulo que proporcionaram o desenvolvimento duma idéia à qual por certo acudirão os dois governos com solicitude e desvêlo. A difusão do idioma comum, o patrimônio moral, literário e histórico que é pertença de todos nós, a honra da nossa mente e a dignificação da nossa inteligência o solicitam e requerem, como valores substantivos e inauferíveis que são, e também sumamente veneráveis para que os defendamos com vigor acérrimo. Esta política de preservação da nossa cultura vai certamente encontrar eficiente execução através dos diplomas que particularizem os princípios do recente e feliz Tratado de Amizade e Consulta entre Portugal e o Brasil.

Já nesta sala, com a amplitude e a liberdade que são distintivo das assembléias políticas representativas, se concedeu ao Tratado de Amizade e Consulta a interpretação e debate que a sua importância e significado inteiramente mereciam. Ouviram-se então do Chefe do Governo Português as mais ajustadas e lúcidas palavras, que não surpreenderam por serem de quem são.

Por êsse instrumento diplomático, que marca em nossos dias o acume das amistosas relações da comunidade luso-brasileira, a política de solidariedade ocidental transcende os tempos imediatos e solda novo anel à cadeia das gerações que deram sentido e missão ecumênica às nossas vidas.

Grandes são os povos que sabem afirmar a sua razão e os seus direitos sem moléstia nem agravo de outros povos, e se o mundo colhera muitos dêstes exemplos, creio que nunca se arriscaria a paz geral e não se temera a perda universal do mesmo mundo, como ameaça o nosso tempo

tão desabrigado e cheio de infortúnios. Corre esta verdade de nossa parte, e é grande o foro que nos é devido.

Difíceis e trabalhosos parecem os dias que o porvir nos avizinha, e a cautelosa e triste expectativa nos faz lembrar o dito dos nossos velhos: uma espada sempre serve em casa para qualquer sucesso, ao menos para se saber que há homem nela.

Mas, enquanto não soa o brado fero que traz espanto às almas, estabelece-se um pacto entre nações fraternamente conciliadas e com tão grande parte no concôrto universal. Preserva-se dêste modo, por um ato superiormente moderador, o conjunto de interêsses morais e espirituais que deram aos nossos povos um lugar indisputável entre os que são amantes da paz e da justiça. Por outro lado, prevê-se a segurança dos caminhos essenciais à nossa existência coletiva, e faz-se a afirmação do direito às nossas liberdades e franquias próprias, nenhuma delas impositiva, contrária ou mutiladora das vidas alheias e suas liberdades. Os Chefes de Estado de Portugal e do Brasil, que felizmente promulgaram êsse instrumento diplomático de tão largo e prometedor alcance, têm a honra merecida.

Sr. Presidente da República do Brasil. Conta-se dum rei, que fazendo uma longa jornada por um reino vizinho, os naturais lhe traziam como agasalho o melhor de sua fazenda e de seus suores. Passando, porém, por lugar áspero e escasso, um pobre rústico não tinha mais que pequena gôta de água que ali trazia na palma da mão. E disse o rei: “tu me dás o espelho da tua alma, quero guardá-lo em escrínio de ouro, para lição de quanto podem os afetos de alma”.

Senhor! eu sou também um pobre rústico, por natureza e comoção rural da minha gente, e não tenho para ofertar-vos senão a minha alma, onde desejaria visseis a alma grande do meu povo todo. Essa vo-la dou, como penhor dos votos que faço, para que Deus dê ao Brasil a paz, a alegria, a fartura, na graça e na beleza da sua irradiante e forte juventude.

PALAVRAS DE JÚLIO DANTAS

**DISCURSO DO ESCRITOR, DR. JÚLIO
DANTAS, APRESENTANDO AO PRESI-
DENTE CAFÉ FILHO CUMPRIMENTOS
DE BOAS-VINDAS NA SESSÃO CONJUN-
TA DAS DUAS CAMARAS DO PARLA-
MENTO PORTUGUES, EM 22 DE ABRIL
DE 1956.**

Senhor Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil:

Cabe-me a alta honra de apresentar a Vossa Excelência os cumprimentos de boas-vindas da Câmara Corporativa.

Devo talvez êste privilégio aos meus sentimentos, por demais conhecidos, de afeto pelo Brasil, e, porventura, a circunstâncias de vária natureza que, durante a minha longa vida pública, me aproximaram da grande Nação. Membro das suas Academias, doutor pelas suas Universidades, duas vêzes embaixador em missão especial ao Rio, cidadão brasileiro honorário por decreto do Governo Federal, — para mim, Senhor Presidente, saudar o Brasil é estender os braços à minha segunda Pátria. Apresentando a Vossa Excelência as homenagens da Câmara a que pertencço, não lhe trago apenas uma saudação impessoal e fria, moldada nos padrões clássicos da linguagem diplomática e da cortesia internacional. Trago-lhe a expressão viva dos meus sentimentos pessoais. Trago-lhe a minha profunda admiração pelo grande Povo que está renovando na América o esplendor do gênio latino. Trago-lhe a minha fé ardente nos destinos da grande Nação brasileira. Trago-lhe, Senhor Presidente, o meu coração reconhecido.

A auspiciosa visita de Vossa Excelência retribui aquela que em 1922 o Chefe do Estado Português fêz ao Rio de Janeiro para agradecer o serviço que nos prestara o Brasil proclamando, havia um século, a sua independência política. Êsse Chefe do Estado era Antônio José de Almeida, meu saudoso amigo. Curvo-me perante a memória do grande cidadão, homem bondoso e austero com

quem três vêzes servi como ministro de Estado, cuja mão honrada julgo sentir ainda apertando a minha, e cuja eloquência arrebatadora esta Casa conheceu. Pensava-se então sôbre a jovem Nação americana de maneira bastante diversa daquela por que nós pensamos hoje. Quanto mais o Brasil — o filho pródigo! — se afastava de nós, movendo-se numa órbita política cada vez mais distante, tanto mais se acendrava o nosso amor paterno, orgulhoso de ter criado para a imortalidade uma das maiores e mais poderosas Nações da Terra. Hoje pensamos menos naquilo que nos separa, e mais — muito mais — naquilo que nos une. A mensagem que a visita de Vossa Excelência nos traz, Senhor Presidente, não é já aquela mensagem romântica, admirável de idealismo e de fulgor, que Antônio José de Almeida levou ao Brasil. E' outra, animada de um espírito novo, porque não se passaram em vão trinta e três anos. A política do ressentimento histórico e do afastamento cordial, que teve a sua época, encontra-se presentemente ultrapassada pelas circunstâncias e substituídas por uma política de franca aproximação, de marcha convergente, de cooperação quanto possível efetiva, cuja palavra de ordem é a unidade — unidade de objetivos, unidade de interêsses, unidade de ação — e cujo optimum internacional procura realizar-se sem restrição das soberanias nacionais invioláveis. Se é certo que a História nos separou, — aproxima-nos de novo uma idéia-fôrça que sensivelmente robustece a consciência da nossa posição no Mundo. Sabemos ambos que nenhum de nós está só. A nossa política, sem deixar de ser a de duas Nações soberanas e livres, inspira-se hoje na concepção vital da existência de uma comunidade luso-brasileira, dispersa por todos os Continentes, banhada por todos os Oceanos, esplêndida realidade geopolítica, virtualidade prodigiosa de fôrça e de poder, situação de fato que o Tratado de Amizade e Consulta, de 16 de novembro de 1953, reconheceu de jure, projetando viva luz não apenas sôbre as nossas relações com o Brasil mas sôbre o conjunto das

nossas relações internacionais. A presença de Vossa Excelência, senhor Presidente, tem neste momento para nós significação especial. Não se trata só — e já não seria pouco! — de um grande Chefe de Estado que nos visita; trata-se de uma política nova que se instaura.

Faço votos para que a execução dessa política corresponda ao alto pensamento dos estadistas portugueses e brasileiros que conceberam e negociaram tão notável instrumento diplomático. Penso, porém, que teremos de rever os antigos métodos de trabalho e de não nos afastar muito daquele espírito positivo e pragmático sem o qual — já o disse Aristófanes na doirada fantasia dos Pássaros — tôdas as construções políticas se fazem nas nuvens. “Ciência prática”, chamavam os velhos filósofos à política; “ciência das realidades” lhe chamam os sociólogos modernos. Não constitui novidade para ninguém a afirmação — aliás nem sempre justa — de que as relações entre os nossos dois Países se têm caracterizado por uma permanente atitude oratória, rica e ofuscante, mas sem contrapartida apreciável nas obras e nos fatos. Povos de emoção fácil e de imaginação ardente, julgamos que basta pronunciar um discurso para resolver um problema. Mas — ai de nós! — as flores murcham, os discursos passam — e os problemas ficam. Chegou talvez o momento de encerrar a idade heróica da eloquência e de inaugurar a época prática das realizações. Dir-se-á que os sucessivos Governos têm negociado e assinado atos diplomáticos relevantes, alguns dos quais — como a Convenção de 29 de dezembro de 1943, por cujas estipulações os dois Estados se obrigaram a zelar em comum a unidade da língua portuguesa — são documentos únicos na história do Direito Internacional público. Nem sempre, porém, foi possível assegurar a unidade de pensamento e a continuidade de ação indispensável ao êxito de tão generosas iniciativas. O próprio Tratado de Amizade e Consulta (teve a seu tempo a Câmara Corporativa a oportunidade de o acentuar) valerá o que as Altas Partes Contratantes quiserem

que êle valha — muito ou pouco — porque tudo depende da sua regulamentação e execução. E' como a urna de que nos fala Renan. Por mais bela que pareça, o que a tornará verdadeiramente preciosa é o que nela se contiver. Precisamos de enchê-la, não apenas de essências e de espiritualidade, sem as quais aliás, no dizer do velho mestre das *Origens do Cristianismo*, nada vale a urna da Vida; não apenas das boas palavras e das pétalas de rosas que às vêzes nos entretemos a atirar uns aos outros; mas de fatos e de realidades — políticas, econômicas, militares, — capazes de converter a expressão jurídica, que é já a comunidade luso-brasileira, numa fôrça com que seja preciso contar, instrumento de intercultura, de progresso humano, de segurança coletiva e de paz internacional. Não temos apenas de cumprir um tratado: temos de realizar uma obra.

Mas, sejamos justos. O êxito dessa obra não depende apenas da capacidade das comissões que foram ou vão ser nomeadas para a executar. Depende do entusiasmo coletivo dos dois povos; depende da fonte de energias criadoras e do espírito de continuidade política de que as duas Nações — e não apenas os seus técnicos — se encontram possuídas. Por nós, estão falando as Câmaras Legislativas; falarão amanhã as Universidades; e nas ruas e nas praças já falou o povo. Os sentimentos de afeto, de respeito, de júbilo fraterno, de inalterável confiança com que Vossa Excelência foi acolhido na sua chegada a Lisboa constituem penhor, Senhor Presidente, não só de que a Nação Portuguêsa adota e quer a política de estreita colaboração com o Brasil, mas de que considera Vossa Excelência, pela sua experiência, pelo seu prestígio, pela dignidade da alta magistratura que exerce, um dos grandes brasileiros capazes de inspirá-la e de realizá-la. Homem de bem, estadista clarividente, cidadão exemplar, ainda há meses, nas dolorosas circunstâncias em que assumiu a plenitude do poder executivo — lance de tragédia

que se diria arrancado à majestade do teatro grego — Vossa Excelência demonstrou que possuía as qualidades de um chefe, e, entre elas, duas que me permito considerar raras: a prudência e a serenidade. Nessa hora grave em que perdi um amigo, a prudência e serenidade admirável de Vossa Excelência asseguraram a ordem, dominaram o perigo, tranqüilizaram a justa inquietação da consciência universal. Já São Bernardo o dizia, pregando ao povo, debaixo de pálido, sôbre as maneiras de servir a Deus: "*Sanctissimus? Oret. Doctissimus? Doceat. Prudentissimus? Gubernet.*" Se és santo, reza; se és sábio, ensina; se és prudente, governa. Na verdade, Vossa Excelência, homem sôbre todos prudente, governou. Que direi da serenidade? Virtude augusta dos justos e dos fortes! Dom que Deus concede aos iluminados a quem entrega o báculo de condutores de povos! Não. Não são os violentos e os explosivos que mandam: são os homens calmos, plácidos e impassíveis. São aquêles que conservam o poder de decidir e de resolver quando todos, à sua volta, estão perplexos e perturbados; são aquêles que crêem quando todos duvidam; aquêles que, como as figuras de pedra dos antigos jardins romanos, de que fala Petrarca, afrontam as tempestades sem que estremeça uma só prega da sua túnica; são aquêles, enfim, que, quando tudo está perdido, encontram ainda, no momento supremo, o gesto que redime e a palavra que salva. Senhor Presidente, eu saúdo em Vossa Excelência o homem que teve nas mãos, sangrando, o coração dolorido do Brasil e que, num milagre de serenidade, o salvou para erguer mais alto, sempre mais alto, acima das tristes contingências da natureza humana, como um dos fochos resplandescentes que iluminam hoje a América!

Anima-me, Senhor Presidente, a convicção de que a visita de Vossa Excelência — tão grata ao espírito da Câmara em cujo nome falo — será fecunda em consequência para as duas Nações. Embora não se atinjam

desde logo todos os objetivos previstos, penso que, pelo menos, a idéia de que existe uma comunidade luso-brasileira sairá fortalecida das negociações que se realizarem à sombra do Tratado de Amizade e Consulta. A concepção de uma realidade internacional diferente das duas Pátrias, que não é já nenhuma delas e que, entretanto, constitui a deslumbrante projeção no Mundo de tudo quanto as une — a raça, a língua, a história, a cultura, a fé, — tende a incorporar-se na consciência de ambos os povos, como idéia *mater* capaz de inspirar e de vertebrar toda e qualquer futura construção política. Em 1920, Weeckham Steed chamou as atenções gerais para essa nova força que surgia, “fato político, econômico e demográfico maciço e impressionante”; e em 1921, um brasileiro de gênio, o embaixador Graça Aranha, descreveu-a como um imenso império afro-indo-americano de língua portuguesa, planisférico e prodigioso, cuja áurea cabeça européia seria Lisboa e cujo mais imponente aglomerado de território se estendia em anfiteatro à volta de um grande lago azul e tranqüilo: o Atlântico. A comunidade luso-brasileira, forja ardente de povos e de raças, *fons gentium!* Adquirimos a consciência da sua unidade geográfica com o vôo de Gago Coutinho; a consciência da sua unidade lingüística com a Convenção de 29 de dezembro de 1943, a consciência da sua unidade jurídico-política com o recente Tratado de Amizade e Consulta, que praticamente prolongou para o hemisfério sul o glorioso pacto do Atlântico Norte. E teremos porventura mais perfeita consciência da sua unidade religiosa, quando duas estátuas colossais de Cristo — sentinelas evangélicas da grei — se erguerem a abençoá-la, uma de cada lado do Atlântico, o nosso Mar. A estátua de Cristo Redentor, “primeiro donatário do Brasil”, como lhe chamou a sua magistral oração Antônio José de Almeida, domina já, a entrada da baía de Guanabara, a montanha negra do Corcovado. A de Cristo-Rei — primeiro rei dos portugueses — levantar-se-á amanhã na cumeada árida da Outra Banda, com

os raios do sol poente a iluminaram-lhe a fronte e as águas do Tejo e beijarem-lhe os pés. Símbolos não apenas religiosos mas políticos da Comunidade luso-brasileira a minha imaginação está a vê-las neste momento — estátuas gigantescas e tutelares — estendendo comovidamente os braços uma para a outra. Senhor Presidente, se os dois Povos não souberem abraçar-se, — as duas estátuas se abraçarão por nós!

O RESPEITO À LEI

*DISCURSO DO PRESIDENTE JOÃO CAFÉ
FILHO PERANTE A ASSEMBLEIA NA-
CIONAL E A CÂMARA CORPORATIVA
DE PORTUGAL, EM REUNIÃO CONJUN-
TA, EM 22 DE ABRIL DE 1955.*



Senhor Presidente,

Senhores Deputados:

E' não só na qualidade de Presidente do Brasil, mas igualmente como antigo parlamentar, que desejo participar dêste encontro com a Assembléia Nacional e a Câmara Corporativa de Portugal. Sei que a generosidade de vossas homenagens se dirige à pessoa do chefe do Estado que ora visita o vosso país. Ao mesmo tempo me sinto entre os ilustres legisladores portugueses como um antigo colega que vem de outras Câmaras, em que ressoa a mesma língua e se afirmam os mesmos valores culturais, aqui espelhados.

No mecanismo dos poderes governamentais, torna-se difícil determinar qual a missão mais importante, entre os encargos fundamentais de julgar, legislar e executar. E' fácil, no entanto, verificar que na vida da sociedade e no funcionamento do Estado, qualquer que seja a sua organização política, a lei é a base imprescindível, como fonte de Direito, esteio da ordem e tranqüilidade, norma de conduta e garantia de sobrevivência das instituições humanas. Instrumento flexível do bem público, ela reflete em cada país as peculiaridades e tendências dominantes, que representam o esforço de cada nação em busca das fórmulas e dos sistemas mais apropriados às suas aspirações e necessidades privativas.

Pode-se observar, através da História, que as origens e os fatores de agravamento de quase tôdas as crises que têm abalado o mundo correspondem não raro a uma deficiência do sentimento de legalidade, cujos efeitos se ma-

nifestam no desprestígio da autoridade, na indisciplina e na desordem.

A experiência ensina que o único e verdadeiro caminho de uma paz duradoura, nas relações internas e externas de todos os países, é o respeito à lei, o qual pode ser mesmo considerado como a pedra de toque do teor de civilização e cultura de cada povo, e o alicerce sobre o qual repousam a segurança e o progresso das nações.

Se é certo que a importância da função legislativa vem dos primórdios da humanidade, tendo-se acentuado a partir do período áureo do esplendor grego e romano, não menos verdade é que as responsabilidades nesse terreno se tornaram incomparavelmente mais árduas e complexas com o desenvolvimento das doutrinas políticas, a evolução da técnica e da ciência, e o exacerbamento dos problemas de natureza econômica e social.

O papel do legislador situa-se assim cada vez mais numa órbita de relevância fundamental e decisiva, de que depende o destino dos indivíduos e dos povos.

As críticas que habitualmente envolvem os Parla-mentos não devem ser encaradas como fator capaz de diminuir-lhes a majestade das atribuições. Elas são naturais e indispensáveis, e têm muitas vezes o mérito de contribuir para fortalecer e realçar a instituição legislativa, cuja composição humana é sempre um reflexo das qualidades cívicas de uma nacionalidade.

Deveis orgulhar-vos, senhores membros da Assembléia Nacional Portuguesa e da Câmara Corporativa, das nobres e pesadas tarefas que recaem sobre os vossos ombros, como representantes do povo lusitano e responsáveis pela solução de seus problemas, através do debate, da meditação e do estudo que precedem a elaboração das leis.

Ainda recentemente vos coube o encargo de discutir e aprovar o Tratado de Amizade e Consulta entre Portugal e o Brasil. Nesta sala ecoaram ardentes e afetuosas

palavras de exaltação de minha Pátria e dos sólidos laços que nos prendem e nos tornam comum o destino. Desejo de minha parte trazer um testemunho do que foi também no Brasil um ato de fraternal estima, em que se proclamou, não só em ambas as casas do Congresso, mas também através da imprensa, do rádio e de outros instrumentos de manifestação da opinião pública, a identidade real das duas nações que perpetuam origens e ideais afins, de um lado e outro do Atlântico.

A simpatia com que foi acolhido o Tratado, nos Parla-mentos de ambos os países, não correspondeu senão a um sentimento popular que tem profundas raízes e no qual se revigora constantemente a união política das duas Pátrias.

Consagrando uma aproximação natural, nascida das circunstâncias geográficas, fortalecidas por um imperativo histórico e permanentemente ratificada, não só pela vontade dos dois povos, mas também pela decisão dos seus respectivos governos, o novo pacto de amizade está longe de traduzir apenas os impulsos convencionais e efêmeros dos clássicos ajustes internacionais. Ele é um penhor efetivo de solidariedade para as boas e más horas, um elo de confiança recíproca e uma fonte de colaboração de que tanto proveito podem extrair as duas nações.

Senhor Presidente,

Senhores Deputados:

A satisfação e a honra que esta generosa acolhida me proporciona são tanto maiores quanto me foi dado o privilégio de ver-me alvo de palavras tão desvanecedoras por parte de dois notáveis expoentes da cultura de Portugal, os eminentes Doutores Lopes de Almeida e Júlio Dantas. No calor e no brilho de seus discursos ficou bem

patente o alto grau de afeição que une as nossas pátrias e de que os dois oradores souberam ser tão esmerados intérpretes.

Diante de tão expressiva manifestação, senhores membros da Assembléia Nacional e da Câmara Corporativa, cresce em mim a emoção de representar o meu país nesta visita, a que o carinho da vossa hospitalidade e a eloquência dos vossos ilustres porta-vozes acabam de conferir tão significativo relêvo.

Como antigo legislador, quero consignar o tributo do meu aprêço pelo nobre poder de que estais investidos. Bem sei avaliar, por experiência própria, as dificuldades de vossas tarefas, o pêso de vossas responsabilidades e a transcendência de vossa missão. As nações podem prescindir de muitas coisas, mas não podem viver sem lei.

E' com emocionada gratidão que recebo as vossas homenagens, tão sinceramente dirigidas ao meu país. Elas não exaltam apenas o visitante e sua Pátria; engrandecem também os seus próprios autores, pela edificante nobreza de que se revestem e pela extrema generosidade de que estão impregnadas.

Sou particularmente reconhecido pela oportunidade de usar tão alta e tradicional tribuna para as primeiras saudações que em meu nome e no de meu país dirijo às autoridades e ao povo da hospitaleira e formosa terra lusitana.

No simbolismo dêste contato solene, Portugal e o Brasil trocam um abraço de vibração e ternura. Façamos votos, Senhores, para que esta aproximação se torne cada vez mais íntima e fecunda, pelo bem crescente dos dois povos que representamos.

A IMPRENSA NO PALÁCIO QUELUZ

*PALAVRAS DO PRESIDENTE CAPE FI-
LHO DIRIGIDAS AOS JORNALISTAS
PORTUGUESES DURANTE A CONFE-
RENCIA DA IMPRENSA, REALIZADA EM
QUELUZ EM 23 DE ABRIL DE 1955.*

Este contato com a Imprensa de Lisboa proporciona-me, por todos os motivos, um prazer especial, que vem juntar-se às emoções do dia de ontem, em que a amizade luso-brasileira teve da parte do Govêrno e do povo de Portugal tão consagrada e inolvidável apoteose. Se é verdade que o vosso objetivo é entrevistar o Presidente do Brasil, não menos certo é que, de minha parte, quero sentir-me em vossa companhia com o espírito do antigo jornalista.

No fortalecimento da comunidade luso-brasileira, cabe à Imprensa um papel de importância fundamental e decisiva, não só no âmbito interno das duas nações, mas também quanto às possibilidades de um intercâmbio cada vez mais intenso. Nessa obra de aproximação crescente, as tendências naturais de ambos os povos e o trabalho dos homens de estado têm na missão do jornalismo uma contribuição inestimável. A Imprensa de Portugal e do Brasil muito pode fazer ainda, como tem feito, pela consolidação dos laços de amizade que vinculam o destino das duas pátrias.

Ainda agora as perspectivas de uma integração cada vez mais íntima se alargam infinitamente, com a recente elaboração do Tratado de Amizade e Consulta. Para mim, particularmente, foi uma honra das mais altas e felizes ter o privilégio de assinar, como Presidente do Brasil, o decreto de promulgação desse instrumento de união política e jurídica das duas nações de língua portuguesa.

Aqui, como no Brasil, o texto do histórico documento já é certamente do domínio do público. Por êle se verifica que os dois países irmãos doravante se consultarão habitualmente sôbre tôdas as questões internacionais de

seu comum interesse. O artigo segundo do Tratado sobressai pelo seu expressivo conteúdo. Nêle se estabelece que em cada uma das pátrias será concedido aos nacionais de outra um tratamento especial, "que os equipare aos respectivos nacionais em tudo que, de outro modo, não estiver diretamente regulado nas disposições constitucionais das duas nações, quer na esfera jurídica, quer nas esferas comerciais, econômica, financeira e cultural, devendo a proteção das autoridades locais ser tão ampla quanto a concedida aos próprios nacionais.

Como se vê é um tratamento recíproco de uma largueza e profundidade tais que não tem similar na história das relações entre países soberanos.

No Brasil, o simples efeito psicológico do Tratado de Amizade e Consulta foi tão considerável que já pode ser tido como um dos seus primeiros resultados concretos. Dêste modo, o novo pacto deixou de ser apenas um programa ou uma esperança, para se transformar numa realidade positiva, que todos sentem.

Resta, agora, dar a mais ampla execução aos princípios consignados no Tratado. Devemos, de parte a parte, elaborar as leis e os regulamentos especiais, que se fazem necessários a um maior intercâmbio entre os dois países, bem como ao desenvolvimento e à coesão da comunidade luso-brasileira no Mundo.

E' com êstes votos que me encontro em Portugal, certo de que não são outros os desejos de milhões de brasileiros e portugueses residentes em meu país. O carinho e o entusiasmo da acolhida que me está sendo proporcionada pelo Governo e pelo povo lusitanos dão-me a convicção de que aqui igualmente prevalece o firme e ardente anseio de intensificar mais e mais a aproximação entre as nossas pátrias. O sentimento da comunidade luso-brasileira está mais vivo do que nunca e para sempre arraigado no coração dos dois povos.

**SESSÃO SOLENE DA CÂMARA MUNICIPAL
DE LISBOA**

PALAVRAS DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL, TENENTE-CORONEL SALVAÇÃO BARRETO, SAUDANDO O PRESIDENTE CAFÉ FILHO, EM 23 DE ABRIL DE 1955.



Como Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, tenho a maior honra e a mais viva satisfação em receber, nestes Paços do Conselho, o Chefe da grande Nação brasileira, nossa irmã pelo sangue, pela tradição e pela história, e em dirigir a V. Ex.^a, em nome do povo da capital, os mais calorosos e sinceros cumprimentos de boas-vindas.

E' V. Ex.^a, Senhor Presidente, recebido aqui, não apenas pela administração responsável do Município de Lisboa, mas também pelos representantes de tôdas as atividades particulares. Será, porventura, esta a única ocasião, durante a sua estada em Portugal, em que V. Ex.^a deixa de estar assistido pelo elemento oficial e se encontra diretamente junto do povo dêste país. E digo dêste país, porque neste momento a cidade de Lisboa, como autarquia primaz, representa tôdas as autarquias nacionais.

Parece-me dispensável, em face do justificado e espontâneo entusiasmo com que a cidade acolheu o seu tão ilustre hóspede, acentuar com palavras vãs o significado transcendente dêste ato e a importância excepcional desta solenidade. De resto, V. Ex.^a, Senhor Presidente da República brasileira, está nesta casa como em casa própria, dado que, para todos os brasileiros, Lisboa é terra brasileira, como o Rio de Janeiro, para nós outros, portugueses, foi, é e será sempre, estou certo disso, terra portuguesa, e da melhor. E as águas que beijam os cais das nossas duas cidades não poderão nunca ser um obstáculo ou uma separação, antes se têm mostrado um motivo constante de aproximação e de amizade.

Desejo recordar, neste momento de alegria plena, de satisfação entusiástica para todos nós, que há 455 anos, do Tejo e muito próximo do local onde V. Ex.^a ontem

desembarcou, largaram as naus de Pedro Álvares Cabral para que se escrevesse uma das mais belas páginas da nossa História, tão cheia de belas páginas, aquela de que surgiu para os mais altos e mais nobres ideais uma Pátria moça, orgulho do mundo moderno, por nós criada, ao calor do nosso amor e do nosso heroísmo, com extremos de carinho, mas a que o gênio próprio soube depois dar uma feição individualizada e inconfundível. Vive nos brasileiros de hoje a sensibilidade portuguesa de outrora, tão forte agora como no passado histórico comum. Foi disso exemplo para nós inesquecível a vossa reação vibrante em face da agressão ao território de Goa, dando-nos, com uma solidariedade pronta e vibrante, a certeza absoluta de que é o mesmo ainda o sangue que gira nas nossas veias.

Representante egrégio dessa Nação admirável, que é o nosso mais belo motivo de confôrto e de esperança, como ramo querido da árvore multissecular que nos abriga, V. Ex.^a não é para nós um hóspede e muito menos um estrangeiro. E', por assim dizer, um lisboeta da Outra Banda do Atlântico, que veio de passeio ao Terreiro do Paço e entrou, por direito familiar, nesta casa que é de todos os lisboetas, quer o sejam pelo nascimento ou pelo coração. E nós só temos de agradecer a honra insigne com que nos distinguiu e a inesquecível prova de estima que a Lisboa outorgou, ao subir as escadarias da sua Câmara Municipal.

E oxalá êste gesto de V. Ex.^a seja o prelúdio da mais íntima fraternidade de relações entre Lisboa e as grandes cidades do Brasil, cuja convivência tanto apeteçemos e desejamos.

Senhor Presidente: Muito e muito obrigado, em nome de todos os lisboetas!

OS PORTUGUESES SÃO OS BRASILEIROS
DA EUROPA

*DISCURSO DO PRESIDENTE JOAO
CAFE FILHO, RESPONDENDO A SAUDA-
ÇÃO QUE LHE FOI FEITA DURANTE A
VISITA À CAMARA MUNICIPAL DE
LISBOA, A 23 DE ABRIL DE 1955.*

Senhor Presidente,

Senhores Vereadores:

Ao agradecer a Vossa Excelência as boas-vindas com que acabo de ser acolhido de modo tão honroso e cativante, as minhas emoções refletem ao mesmo tempo a presença da moderna Lisboa e as magníficas tradições de seu passado. Desde que visitei esta cidade pela primeira vez, há três anos, a simpatia que por ela já sentia, através do conhecimento de sua história, criou raízes e adquiriu o fervor que só o contato direto proporciona.

Como se não bastassem tantas outras afinidades que nos ligam, portugueses e brasileiros, temos mais este traço de identidade em nosso destino comum: possuímos duas das mais belas capitais do mundo.

Dir-se-ia que um senso poético presidiu à fundação de ambas. Se fôssem bem investigadas as razões que inspiraram os colonizadores portugueses na escolha de um local tão rico de encantos para a capital do Brasil, não seria absurdo concluir que, entre os motivos estratégicos ou de outra espécie, deve ter prevalecido um imperativo sentimental. Aquêles conquistadores heróicos estavam habituados às formosuras de Lisboa e pretendiam suavizar a nostalgia de sua linda cidade, criando outra que lhes recordasse as belezas deixadas aqui, à margem do Tejo.

Em Lisboa as reservas de atração e lirismo não estão apenas nas graças de que é fértil a sua natureza e nas paisagens que o engenho do homem produziu ou enriqueceu. Elas sobressaem igualmente das próprias páginas de suas crônicas milenares. As origens da cidade compõem um

romance excitante, em que a verdade e a lenda rivalizam no mesmo esforço glorificador. Um sorriso de sabedoria e ceticismo acolhe a velha fábula em que Ulisses aparece como fundador de Lisboa, mas a ficção amável perdura no coração de todos quantos amam Portugal, a prevalecer como um símbolo de ancianidade respeitável.

Senhor Presidente,

Senhores Vereadores:

Estou deveras penhorado pelo gesto de Vossas Excelências, manifestando os sentimentos de uma hospitalidade tão afetuosa e envolvente. Em meu nome e no do Brasil, que represento nesta feliz e honrosa missão, quero deixar consignada a expressão do mais sincero reconhecimento.

Ao receber as homenagens da Câmara Municipal de Lisboa, no recinto dêste edifício histórico, sinto-me como se estivesse num prolongamento do meu país. Pois a união de nossas duas pátrias é de tal modo sólida e profunda que, respeitada a soberania de ambas, bem se pode dizer que os portugueses são os brasileiros da Europa, como os brasileiros desempenham o papel de portugueses da América.

NO PALÁCIO DA AJUDA

*PALAVRAS DO GENERAL CRAVEIRO
LOPES, PRESIDENTE DA REPÚBLICA
PORTUGUESA, EM HOMENAGEM AO
PRESIDENTE CAFÉ FILHO, NO PALA-
CIO DA AJUDA, EM 23 DE ABRIL
DE 1955.*

Senhor Presidente:

Na pessoa ilustre de Vossa Excelência, primeiro magistrado dos Estados Unidos do Brasil, saúdo o grande Povo Brasileiro. Não podia sentir prazer mais vivo, nenhum dever seria mais grato de cumprir.

Estou — e comigo está Portugal inteiro — muito grato a Vossa Excelência pela honra que nos deu, visitando oficialmente este País. Ainda vibram em algumas memórias e para sempre viverão nas crônicas o esplêndido entusiasmo e o calor de real afeto com que o Povo que Vossa Excelência representa recebeu a visita cheia de significado histórico, que fez ao Brasil o Presidente da República Dr. Antônio José de Almeida. Desejo afirmar, com seguro conhecimento, que a visita de Vossa Excelência inspirou no Povo Português igual entusiasmo e igual afeto. A faculdade de exteriorizar sentimentos não tem talvez entre nós o magnífico colorido que a torna no Brasil tão formosa e irresistível, mas a realidade afetiva é a mesma. Os sentimentos de amizade e de fraternidade que nesta hora vibram no peito de cada português, aqui e além-mar, não podem ser nem mais sinceros nem mais ardentes.

Êles são a expressão irreprimível de laços que os destinos da História e a visão de alguns Homens criaram, multiplicaram e apertaram entre as nossas Pátrias. Creio que êsses laços não têm paralelo. Há pouco mais de três meses trocaram-se entre os nossos Governos os instrumentos de ratificação do Tratado de Amizade e Consulta. E' em si próprio um documento excepcional no convívio das nações: mas tornou-se único ao verificar-se que a sua

execução precedeu a sua existência legal. Pois que outra coisa foi a esplêndida reação brasileira quando, vai para um ano, foram atacados ou ameaçados territórios portugueses cujos nomes ninguém pode citar sem o frêmito que nos traz a epopéia dos "Lusiadas"? Que outra coisa foi — êsse nobre e largo gesto, tão largo que deu volta à terra, e tão nobre que ficou escrito no coração dos Portugêses — senão a espontânea antecipação de um Tratado que só meses depois se tornou lei? Aqui presto a minha homenagem aos homens de visão e sensibilidade que conceberam e realizaram instrumento tão diretamente nascido das exigências da vida. Um Tratado dêstes não tem duração finita: dura enquanto durarem as realidades e os sentimentos que o tornaram por assim dizer inevitável.

Estreitos vínculos nos prendem, Senhor Presidente. Nada do que interessa ao Brasil pode ser estranho a Portugal. As vossas dificuldades são as nossas dificuldades, e as nossas glórias aumentam com as vossas. Não esqueçamos o acolhimento generoso que o Brasil dispensa às gentes portuguesas que em tão elevado número — são parte bem querida da Nação — vivem e labutam nas terras do Cruzeiro do Sul, ajudando com denodado esforço ao engrandecimento da pátria brasileira. No mundo atormentado em que vivemos e em que perigos mortais cercam a Civilização, nós, portugueses, não descremos do futuro quando, como hoje, — e como ontem — sentimos a nosso lado a presença amiga do Brasil, e sôbriamente verificamos que a Comunidade Luso-Brasileira é um dos importantes fatôres da Civilização Ocidental. Amanhã será uma das suas fôrças mais seguras.

A Comunidade Luso-Brasileira tem diante de si os espaços infinitos do Futuro. No Presente é já uma realidade vigorosa — tão cheia de promessas, tão firmemente encaminhada para a estrutura do mundo vindouro, que a sua afirmação e o seu desenvolvimento constituem um dos objetivos primordiais da política externa portuguesa.

A Terra, ameaçada de perigos que nem a mais doentia imaginação medieval pôde conceber, tornou-se mais pequena. Os isolamentos acabaram. Irmãos — em sangue, em éticas, em ideais — procuram seus irmãos. Só agrupados poderão resistir ao vendaval que corre o Mundo, e, o que é mais, defender os seus altos valores, assegurar os seus altos destinos. Não admira, pois, que Portugal e o Brasil sintam cada vez mais o vigor dos traços que os unem, das afinidades que os aproximam, das homogeneidades que os enlaçam, sem prejuízo das suas distintas soberanias: tomem cada vez mais consciência da Comunidade que constituem.

Senhor Presidente, creio com fé robusta e criadora esperança no futuro da nossa Comunidade.

Bebo pelas felicidades pessoais de Vossa Excelência, grande figura de homem público, representante e símbolo do Brasil, e pelas de sua Excelentíssima Espôsa. E ergo a minha taça pelas prosperidades da gloriosa Nação Brasileira, pelo seu gênio, pelo seu espírito, pelo fulgor do seu porvir.

UMA VELHA AFEIÇÃO DE FAMÍLIA

DISCURSO PRONUNCIADO PELO PRESIDENTE JOAO CAFE FILHO DURANTE O BANQUETE QUE LHE FOI OFERECIDO PELO GENERAL CRAVEIRO LOPES, NO PALACIO DA AJUDA, A 23 DE ABRIL DE 1955.

Senhor Presidente:

Os sentimentos de fraternidade que assinalam este encontro valem como expressivo sintoma das diretrizes atualmente seguidas pelos nossos dois países no sentido de uma aproximação cada vez mais íntima.

Através do tempo e do espaço, tudo conduz Portugal e o Brasil a uma vida em comum. Nem mesmo as contingências geográficas podem ser alegadas como fator de isolamento. O mar, que foi no passado o caminho da descoberta do meu país pelos filhos desta terra, deve ser encarado, hoje mais do que nunca, como um traço de união, a ser utilizado, em proporções crescentes, na obra de intercâmbio dos interesses recíprocos. Longe de ser um elemento de separação, o Atlântico avulta como um símbolo de ligação e uma tradição de identidade, no destino das duas nações irmãs.

Não são apenas os vínculos da história, da raça e da cultura que fazem de portugueses e brasileiros os membros de uma comunidade internacional. Também a geografia nos une, no abraço das águas e nos laços de comunicação que os modernos recursos da técnica e da ciência dia a dia ampliam.

No mundo de hoje, não há mais lugar para o isolamento das nações e dos continentes. Os acontecimentos internacionais tornam-se cada vez mais comuns a todos os povos, no encadeamento de suas repercussões mútuas.

Não obstante o pacifismo de sua política externa e a distância de sua posição territorial em face do Velho Mundo, o Brasil já se viu na contingência de participar

de duas guerras de origem européia. Só esta circunstância seria suficiente para demonstrar o entrelaçamento e a interdependência de interesses e sistemas, na esfera das modernas relações internacionais.

No que toca a Portugal e ao Brasil, não ocorrem apenas os efeitos desse fenômeno geral. O que nos liga, antes de tudo, é uma velha afeição de família, que devemos cultivar com renovado fervor.

Não foi sem motivo que à frente do movimento da independência brasileira assomou a figura de um herói português, identificado com os sentimentos da nacionalidade que então nascia, como o fruto maduro de um anseio irresistível. Já naquele tempo D. Pedro I sentia que a melhor maneira de resguardar a amizade entre as duas pátrias estava na emancipação do Brasil. Eis por que ele não vacilou em assumir, do alto do próprio trono que ocupava, o histórico papel de instrumento realizador das aspirações nacionais dos brasileiros.

Essa generosa compreensão é uma característica dos filhos de Portugal para com seus irmãos do Brasil.

Ainda agora a minha presença aqui não é senão a retribuição da visita feita ao meu país pelo Presidente português, Antônio José de Almeida, que, num gesto altamente cativante e significativo, atravessou o mar para tomar parte nas comemorações do centenário da nossa independência.

Tal episódio, que o Brasil recorda sempre com orgulho cívico, teve o mérito de mostrar que se em 1822 nos separamos politicamente foi para que os sentimentos de fraternidade, de parte a parte, adquirissem a pureza e a força de uma vocação espontânea e natural.

Duas nações que dêste modo se entendem e assim convivem, com tanta nobreza de atitudes, devem possuir uma têmpera especial que as torna aptas para marcharem

juntas, sem quaisquer melindres nem desconfianças, na realização do mesmo esforço, em que os seus destinos mutuamente se completem.

O atual Tratado de Amizade e Consulta traduz bem o desejo dos dois países de unirem cada vez mais os seus interesses, através de um roteiro comum. A necessidade dêsse convívio harmônico, em cujo sistema as soberanias se mantêm invioláveis, se torna tanto mais sensível quanto vivemos numa época dominada pelo entrechoque de doutrinas, algumas das quais estranhas à formação luso-brasileira e até hostis à sobrevivência dos valores básicos da civilização ocidental.

Num mundo assim agitado por forças contraditórias, Portugal e o Brasil associam as suas vontades num pacto destinado a garantir-lhes uma posição de segurança e estabilidade, em meio das subversões da hora presente. Cento e trinta anos de emancipação política não desfizeram, antes consolidaram, o tecido que liga o Brasil às suas raízes portuguesas.

A comunidade intercontinental, que abrange os povos luso-brasileiros, é um fato natural, decorrente do espírito de expansão dos filhos desta terra e do sentimento de fidelidade dos meus compatriotas às suas origens.

O Brasil só tem motivos para orgulhar-se de sua filiação histórica a um povo de tão gloriosas tradições, Senhor Presidente. Temos nítida consciência de tudo aquilo que devemos a Portugal, desde a descoberta do nosso país e sua incorporação ao mundo civilizado, até os esforços e lutas da formação nacional.

Isto não é senão um pormenor, em comparação a uma dívida bem mais ampla, que é a dívida do próprio gênero humano para com este país. Durante todo um ciclo da história universal, Portugal foi uma nação de pioneiros. Aquêlê movimento de expansão com que no Brasil se celebrizaram os paulistas, os portugueses realizaram por tôda a face da terra, como bandeirantes do mundo.

Ajudaram a conquistar para a civilização nada menos de três partes do globo. O brilhante período de expansão comercial e marítima de Portugal é um dos capítulos mais empolgantes das crônicas humanas. Para nós, brasileiros, recordar aquela época equivale sempre a recompor o quadro dos tempos heróicos que correspondem à gênese e à infância da nacionalidade.

Em Portugal, o sentido de grandeza sempre se mediou pelo espírito universal de seus filhos. Os habitantes deste país constituem um dos povos mais internacionais do mundo. Estão presentes em toda parte, com a contribuição do seu esforço e da sua bondade. Não se contendo nos limites geográficos do território natal, eles partem em todas as direções a fundar novas pátrias.

Outrora, estes ímpetos de expansão e conquista se manifestavam nas expedições dos navegantes e descobridores. Hoje se fazem sentir na irradiação das correntes imigratórias, que sugerem uma modalidade de imperialismo fraternal e pacífico, a vencer pelas armas do coração e do trabalho. Nunca é demais salientar o traço de generosidade dos portugueses, a realizar em todos os continentes uma obra civilizadora que, na prática, tem sido muito mais útil e benéfica aos outros do que a si mesmos.

A comunidade luso-brasileira é hoje um exemplo oferecido ao mundo. Numa fase de tão incertas perspectivas, a obra de integração espiritual de nossos dois países constituiu um ato de sabedoria e prudência.

A preocupação manifestada recentemente pelo Brasil, quando sobre territórios portugueses pairaram ameaças intranquilizadoras não foi senão o espontâneo cumprimento do dever de fraternidade que não deve prevalecer apenas nos momentos de regozijo, mas igualmente nas horas difíceis.

Devemo-nos congratular mutuamente, Senhor Presidente, pela alta compreensão com que Portugal e o Brasil procuram associar os seus interesses e os seus destinos.

O gesto do Presidente do Brasil, aceitando o honroso convite para esta visita, e a atitude de Vossa Excelência, proporcionando esta acolhida desvanecedora e inesquecível, significam o firme propósito de intensificar a aproximação entre as nossas pátrias. Ao mesmo tempo que manifesto a minha gratidão pela generosidade das homenagens dirigidas por meu intermédio ao Governo e ao povo brasileiros, faço votos para que a amizade entre os dois países continue dia a dia mais próspera e fecunda.

Quero consignar os meus sinceros desejos pela felicidade pessoal de Vossa Excelência e de sua Excelentíssima Espôsa, bem como pelo crescente progresso da nação portuguesa. Nesta oportunidade, é um agradável imperativo testemunhar o meu aprêço ao Excelentíssimo Senhor Oliveira Salazar, a quem tanto devem as boas relações entre Portugal e o Brasil. Seja-me permitido igualmente lembrar os esforços que tem desenvolvido pelo nosso entendimento recíproco o Senhor Ministro Paulo Cunha, a quem estão entregues os negócios estrangeiros de Portugal e cuja visita ao meu país marcou uma das fases mais proveitosas dessa integração harmônica que estamos empenhados em aprofundar e fortalecer, para maior felicidade de nossas duas pátrias.

Erguendo a minha taça em honra de Vossa Excelência e do nobre povo português, Senhor Presidente, rendo-lhes neste instante, em meu nome e no do Brasil, as homenagens do mais alto e fraternal aprêço.

**DOUTOR "HONORIS-CAUSA" DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA**

*DISCURSO DO DR. AFONSO QUEIRO,
PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA, ELOGIANDO O GOVERNO
CAFÉ FILHO, A 24 DE ABRIL DE 1955.*

A Universidade de Coimbra vive hoje um dos grandes dias da sua história de esplendores ao receber nos seus Paços o Chefe ilustre da Nação brasileira, a fim de o incluir, doravante, no quadro dos seus doutores. Comunga com a Nação portuguesa das suas emoções e da sua alegria em albergar e acarinhar por alguns dias, infelizmente tão poucos, alguém que tem o alto privilégio de representar um país da grandeza e da projeção do Brasil — do Brasil que é a razão do maior orgulho de Portugal, não obstante Portugal poder ufanar-se de outras glórias, e tão grandes que mereceram o canto de Camões. E' como se viessem até nós, pisar de novo a paterna casa, todos quantos, desde 22 de abril de 1500 — há precisamente 455 anos — chegaram à "ilha de Vera Cruz" para a desbravar, povoar e valorizar, e que, lá, com a pujança do seu vigor indomável, o amparo da sua fé inquebrantável e o concurso das suas faculdades únicas de adaptação ao meio tropical, ergueram o Brasil para sua glória e para honra de Portugal. Sois, Senhor Presidente Café Filho, o representante dêsses todos que partiram e não voltaram mais para poderem dar vida a uma nova Pátria.

Depois afirmou:

Eleito por expressiva maioria, assumiu em 1951 as funções de Presidente do Senado Federal, que exerceu, com distinção, aprumo e grande habilidade política, até à data trágica de 24 de agosto do ano passado, isto é, até ao momento em que, nos termos da Constituição Federal, na sua qualidade de primeiro substituto constitucional do Chefe da Nação, assumiu as funções de Chefe do Estado e do Governo brasileiro.

Raros terão tido no Brasil de enfrentar situação tão inquietante como aquela que se deparou ao Dr. Café Filho. Boa oportunidade, no entanto, para dar a medida do estadista. Na política, como em tudo, é preciso que os homens ou os acontecimentos forneçam ensejo para as revelações. Ninguém será politicamente nada se não tiver ocasião para ser alguma coisa. Clemenceau precisou de chegar aos 76 anos e de ter o seu país à beira de um desastre, para ver surgir a sua hora, que, de resto, antecede de pouco a hora da vitória da França. Churchill não passaria de um entre tantos estadistas relativamente notáveis da sua geração e do seu país se não tivesse podido revelar o seu gênio após Dunquerque, quando a Inglaterra passou a viver a hora mais grave da sua história.

Café Filho agiganta-se no meio da crise que se lhe depara. Não perde a calma. Já conhecera, aliás, ao longo da sua acidentada carreira, desde a mocidade, dias agitados e difíceis, em que expusera a liberdade e jogara a própria vida. Consegue manter íntegra a estrutura constitucional do país. Deita imediatamente mãos à obra de salvação pública e o seu primeiro ato foi o de constituir um governo, como êle próprio disse, não de experiência, mas de homens experimentados, dois dos quais temos a honra de ter aqui presentes. O seu governo pretendeu ser uma experiência política de novo estilo, baseada na conjugação de esforços de todos os brasileiros, a servir de paradigma à política brasileira no porvir.

Dedica-se, seguidamente, com o governo, à solução dos problemas mais instantes, procura deter a espiral inflacionista e baixar o custo da vida, atenua a tutela administrativa da economia brasileira, a fim de reabilitar a livre iniciativa, determina a concessão de financiamentos para casa própria, promulga muitas outras medidas urgentes e avisadas que não posso obviamente enumerar nem comentar aqui. Uma nota se destaca em tôda a sua ação governativa: o cunho de modéstia, de austeridade, de probidade e de poupança da sua administração.

O Presidente Café Filho está galgando as etapas, em luta contra o tempo, a fim de poder legar, no ano que vem, ao seu sucessor, que êle desejaria ver eleito num clima de união nacional, uma administração e um Brasil em plena recuperação.

O seu governo formou-se “para trabalhar às claras, em permanente prestação de contas” — e, pelas que vêm sendo prestadas periòdicamente ao país, sabemos já que a passagem de Café Filho pelo Catete será recordada como benemérita.

E a concluir:

Seria estultícia pretender eu justificar perante V. Ex.^a, Senhor Vice-Reitor, e perante a congregação dos Doutores de Coimbra, a solicitação que lhe dirijo para conferir ao Chefe do Estado do Brasil o grau de Doutor em Direito, pela nossa Universidade. Se pus em destaque os seus méritos, não foi para fundamentá-la mas para facultar a todos os que participam ou assistem a esta cerimônia o puro prazer da admiração. No entanto, se julgardes que devo ir além do pedido que acabo de vos dirigir e apoiá-lo em boas razões, consenti que me sirva, por terem aqui pleno cabimento, applicadas ao Presidente Café Filho, das palavras com que Aristóteles enunciou os requisitos que deve possuir quem se encarrega das mais altas funções do Estado: fidelidade à Constituição, tôdas as qualidades necessárias à direção dos negócios públicos e, finalmente, caráter e infalível sentimento da justiça.

Terminara o discurso do Prof. Queiró. A charamela entoou novamente alguns acordes. Em uma vênia, o secretário, que conduzira aquêlê catedrático até ao seu lugar, pediu autorização para trazer ao estrado dos oradores o Prof. Eduardo Correia. Solicitação deferida.



INSÍGNIAS DE DOUTOR "HONORIS-CAUSA"

*DISCURSO DO PROFESSOR EDUARDO
CORREIA, AO PEDIR AS INSÍGNIAS
DOUTORAIS PARA O PRESIDENTE
CAFÉ FILHO, NA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA, A 24 DE ABRIL DE 1965.*

As verdadeiras comunidades humanas, no plano da cultura e do espírito, aferem-se, polarizam-se — é o ensinamento, já tornado clássico, de Rickert e da sua escola — pela fundamental identidade dos valores que encaram e respiram, pela similitude das concepções do mundo e da vida a que aderem e servem.

Certo, o anotar esta estrutura ideográfica, teleológica das unidades culturais e da sua história, não dispensa averiguar a sua gênese: e logo ocorrem explicações antropológicas, ecológicas, econômico-sociais, isoladas ou, interpretando-se dinamicamente: reivindicações do primado dos fatores religiosos, da criação autônoma do gênio e da vontade do homem, e, quiçá, do seu destino providencial.

Mas, de qualquer forma, aquela idéia conceitualiza a força centrípeta que une territórios e homens separados por continentes e oceanos, por rios e montanhas, por florestas e desertos, de raça e cor diferentes, contemplando, no céu, outras estrélas e constelações e, na terra, outras flores, outras paisagens, outros caprichos e sortilégios da natureza.

Esse mesmo pensamento auxilia a compreender — para, intencionalmente, exemplificar com uma vivência comum a todos nós — como da mole distante e imensa da península do Indostão se singularizam uns poucos de metros de terra e uns poucos punhados de homens que, dramaticamente, repelem tôdas as tentativas de absorção por agregados *sem alma* — na medida em que se sentem indissolúvelmente ligados a essa tradição, a essa história, a essa civilização única, que os portugueses, com o seu sangue, a sua fé, o seu amor, geraram e dilataram: — Essa mesma cultura que dá sentido à vida, nas terras benditas da África,

como nas do longínquo Oriente, nas formosas ilhas do Atlântico Norte como do Atlântico Sul, que nos completam e integram, aqui, no coração, de Portugal, como nas serras do Marão ou aquelas donde o Infante Navegador visitou o novo Mundo; essa mesma concepção da vida que, para além das particularidades dos seus destinos políticos, continua a iluminar a vocação dessa promissora Nação que é o Brasil; êsse mesmo espírito que une todos os ramos “de uma árvore de Cristo mais amada, que nenhuma nascida no Ocidente cesárea ou cristianíssima chamada”, de que nos fala o Poeta altíssimo.

Mais adiante, disse:

Foi, ontem, a concessão das insígnias doutorais a um Afrânio Peixoto, a um Moraes de Leme, a um Pedro Calmon.

É, hoje, Sua Excelência o Senhor João Café Filho a receber o grau de Doutor em Direito.

Mas se, além, dando-lhes assento nos claustros doutorais da Universidade de Coimbra se prestava homenagem a alguns dos mais representativos valores da cultura brasileira, a cerimônia de hoje tem, a vários títulos, mais profundo e transcendente significado.

É que João Café Filho junta aos distinguidos dons da sua personalidade de homem público — já traçados pelo Doutor Afonso Queiró — a altíssima e nobre qualidade de Magistrado Supremo da nossa Nação irmã — é, nessa veste, a encarnação do próprio Brasil.

Convido-o, pois, a tomar assento nos arquibancos desta Sala Grande; conferindo-lhe a última e maior honra que dispensa, a Universidade de Coimbra recebe simbólica e orgulhosamente tôda a grandeza dessa imensa Nação, hipostasia, no alto plano do espírito, êsse amor às terras de Santa Cruz, que no coração dos Portuguezes logo nasceu quando, pelos olhos dos marinheiros de Cabral, con-

templaram, deslumbrados e enternecidos, as terras vermelhas e as gentes do Monte Pascoal, e se exprimiu vivo, forte, compreensivo, eterno, nessa maravilhosa carta de Pedro Vaz de Caminha.

Amoldando sôbre os seus ombros a murça vermelha dos juristas, a Universidade de Coimbra como que apõe o seu Sêlo à indissolúvel unidade da cultura luso-brasileira, num íntimo voto de que ela continue a crescer, a desenvolver-se e a frutificar, apontando, colimando, aquela harmonia, justiça e paz que o direto exprime e se esforça por servir.

E concluiu:

Excelentíssimo Cancelário Vice-Reitor:

O Doutorando, Sua Excelência João Café Filho, é o Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Apresenta-o o Doutor Maximino Correia, Magnífico Reitor desta Universidade.

Enunciar tais nomes e tais títulos legitima, só por si, a concessão das insígnias Doutorais. Assim o peço, em nome da minha Faculdade.

A INVESTIDURA DO GRAU

Mais acordes das charamelas, a marcar o final do segundo e último discurso. O mestre de cerimônia dirigiu-se ao Dr. Café Filho e ao Prof. Maximino Correia. Conduziu-os até junto do vice-reitor, para onde se dirigira também o Prof. Beleza dos Santos. Foi êste quem entregou ao Presidente dos Estados Unidos do Brasil o livro apresentado pelo pajem — uma rica edição dos "Lusíadas", oferta do reitor, assim como as demais insígnias. E fêz-lhe a imposição da borla, que lhe colocou na cabeça por instantes, e meteu-lhe o anel doutoral — de rubi, simbolizando o Direito — no dedo.

O Presidente Café Filho, a partir desse momento era doutor "honoris causa". A praxe mandava que o ilustre estadista assumisse por instantes a presidência. Assim se fez. Depois, acompanhado pelo bedel da Faculdade de Direito, foi saudar os lentes, já seus pares, a quem abraçou, um por um. E entre eles ocupou assento.

A cerimônia findou em beleza, como em beleza começara, com a chamarela a executar o hino acadêmico, escutado de pé.

Voltou a organizar-se o cortejo, mas, agora, já o Presidente Café Filho caminhava entre os seus colegas mestres de Direito. Irromperam, no exterior, as aclamações, pois na sala a praxe não as consentia. "Viva e palmas". Júbilo. Aclamações ao Brasil e ao seu Chefe do Estado. Outra vez capas estendidas no chão.

Mais tarde, na sala do Senado Universitário, o novo doutor ouviu ler e assinou o auto, após o que recebeu as habituais felicitações.

**UM SENTIDO DE ETERNIDADE QUE DESAFIA
O TEMPO**

*DISCURSO DO PRESIDENTE JOAO CAFE
FILHO, RESPONDENDO A SAUDAÇÃO
DO REITOR DA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA, A 24 DE ABRIL DE 1955.*

Senhor Reitor:

O contato com esta Universidade tão célebre e com esta cidade tão rica de tradições tem um poder sugestivo que emociona e perturba o visitante, deixando-o perplexo diante de tantas idéias e evocações. Penetra-se em Coimbra como quem entra num mundo de relíquias dignas de amor e respeito. Mas logo a visão de uma atualidade brilhante, de que esta reunião é um índice tão expressivo, proporciona a sensação de uma continuidade gloriosa que vem de muito longe e que as novas gerações timbram em cultivar, com um fervor que não arrefeceu, através de sete séculos.

Há em Coimbra um sentido de eternidade, que desafia o tempo. O deslizar das águas do Mondego, que o gênio de Camões celebrou, avulta como um símbolo, a compor a imagem de um ideal que permanece, em meio dos anos que vão seguindo o seu curso. Quero referir-me à mística da inteligência, que acabou por transformar esta Universidade numa cidadela imperecível. Em Coimbra tudo pode passar, menos essa mística, mais sólida do que os venerandos monumentos que a emolduram.

Não há por que distinguir aqui, entre o passado, o presente e o futuro. Hoje, como ontem e amanhã, o destino desta cidade tem a sua grandeza para sempre esculpida, muito menos pelos inúmeros e emocionantes lances históricos de que foi teatro ou pelos nomes de tantos reis de que foi berço, de que pela obra universitária que realiza, há quase um milênio. Esta, sim, é a sua verdadeira marca, privativa, indelével e consagradora.

No balanço da contribuição portuguesa à civilização universal, sobressaem duas emprêsas fundamentais. De um lado, salientam-se os descobridores e guerreiros, dilatando as fronteiras de sua pátria. São impulsionados por um objetivo de expansão e conquista. De outro lado, distinguem-se os juristas e homens de Estado, com seu principal núcleo de irradiação em Coimbra. O que os inspira é um ideal de emancipação e liberdade. Os primeiros dão ao progresso de Portugal e do mundo a decisiva colaboração do seu heroísmo. Os segundos oferecem a ajuda da sua sabedoria. Uns civilizam, pela fôrça das armas. Os outros disseminam o progresso, à luz dos conhecimentos adquiridos nos diversos ramos da ciência. São dois métodos diferentes, mas através dos quais se manifestam igualmente o valor físico e a energia intelectual da raça.

Dentro do sistema da civilização lusitana, a contribuição de Coimbra possui a vantagem da perenidade. A intensa atividade de professôres e alunos transforma esta cidade milenar num centro de constante evolução cultural. E' uma obra que não estaciona nem envelhece. Bem ao contrário, há uma função renovadora, permanentemente exercida pela Universidade, no âmbito das idéias e da ciência, com amplos e profundos reflexos na vida política e social. A reconstituição histórica do que tem sido, através de sucessivas gerações, a missão de Coimbra, dentro e fora de Portugal, é tarefa das mais fascinantes.

Na preparação das elites, bem como na criação e organização das nacionalidades, as universidades têm um papel de crescente relevância. A de Coimbra possui uma crônica particularmente empolgante, como um dos estabelecimentos mais antigos do mundo. Nós, brasileiros, penetramos as arcadas medievais dêste vetusto edifício com o respeito que nos infunde a lembrança de que, mais de dois séculos antes da descoberta do nosso país, esta Universidade já existia.

Os resultados diretos e indiretos do funcionamento desta instituição, cuja auréola já adquiriu um colorido legendário, constituem um patrimônio que não pertence somente a Portugal, mas também à humanidade.

Ao celebrar as glórias de Coimbra, não me considero um estrangeiro que apenas a admira de longe e se sente honrado em ser recebido neste palácio de saber. Portugueses e brasileiros, somos todos filhos espirituais desta Universidade. Dela herdamos muitos traços de mentalidade e muitos aspectos de nossa destinação histórica.

A formação nacional e a obra de independência de meu país estão impregnadas de influência coimbrã. Antes de batalhar pela emancipação política do Brasil, José Bonifácio lutava pela liberdade de Portugal, enfrentando os exércitos invasores de Napoleão, como oficial do batalhão acadêmico aqui organizado. Foi um episódio que serviu para assinalar definitivamente a unidade de interesses e sentimentos dos dois povos.

Depois de estudar em Coimbra e desempenhar várias funções a convite do governo lusitano, José Bonifácio de Andrada e Silva regia aqui a sua cadeira de professor, quando os ímpetos do seu ardente civismo o incitaram a formar com um grupo de alunos e outros mestres um corpo de tropa, em defesa da honra e soberania portuguesas. Começando no posto de major, acabou como tenente-coronel, em posição de comando.

Coube assim a um brasileiro dos mais eminentes, com risco da própria vida, em hora difícil para Portugal, dar um exemplo de dedicação e bravura, incorporando-se aos núcleos de resistência improvisados pelo próprio povo, diante das forças invasoras, e tornando-se um paladino dos destinos desta terra como nação livre. Antes de empunhar o bastão de Patriarca da Independência brasileira, José Bonifácio deu uma demonstração indiscutível de seu

amor a Portugal. Teve o seu batismo de glória como patriota português, antes de conquistar a sua entrada na História como patriota brasileiro.

Coimbra foi na verdade o berço intelectual da independência de minha Pátria, não só pela participação de principal autor daquele movimento, saído dos bancos desta escola de estadistas e homens de ciência, mas também pela ressonância das idéias liberais daqui irradiadas. A própria índole dos portugueses contribuiu para o afrouxamento dos laços de dominação imperial. Mas um dos fatores decisivos foi o espírito universitário, robustecendo o culto das liberdades, aperfeiçoando a consciência jurídica e estimulando os movimentos de emancipação.

O sentimento luso-brasileiro tem nesta escola raízes seculares. Nos tempos da colonização e no curso do período imperial, muitos jovens do meu país aqui vieram fazer os estudos que depois lhes permitiram projetar-se na vida pública. Houve época em que esta Universidade se transformou num estabelecimento comum de Portugal e do Brasil.

Não vejo por que não se possa renovar hoje essa obra de entrelaçamento cultural. Agora que a minha Pátria possui também as suas Universidades, tais relações teriam um caráter de intercâmbio, cuja necessidade mais se justifica diante do novo Tratado que acaba de vincular tão íntima e sólidamente as duas nações. Seria a melhor maneira de unir portugueses e brasileiros na defesa dos valores de nossa cultura comum, que temos o dever de preservar e desenvolver.

É com esta perspectiva de maior aproximação universitária entre as nossas Pátrias que desejo consignar o meu profundo reconhecimento pela generosa acolhida e pela desvanecedora homenagem com que acabo de ser honrado. A concessão desta láurea doutoral é tanto mais significativa quanto procede de uma instituição com o peso das tradições da Universidade de Coimbra.

Receba, pois, Vossa Excelência, Senhor Reitor, os agradecimentos que em meu nome e no do Brasil apresento neste instante, pela alta distinção que a Universidade de Coimbra acaba de conferir-me e pela tocante festa com que me recepcionou. Guardarei sempre com prazer a lembrança destes momentos tão agradáveis, a que a voz tradicional dos sinos desta casa emprestou a contribuição lírica da sua música inesquecível. Este é um ato que me proporciona as mais puras emoções cívicas, pois não me sinto apenas como o eventual presidente do meu país numa visita oficial à terra lusitana, mas, sim, como um instrumento de maior afeição entre as duas nações de língua portuguesa, graças à compreensão e generosidade do governo e do povo de quem no momento sou hóspede. Congratulemo-nos todos pelo alto significado que este encontro encerra, no brilho desta cerimônia e na eloquência do seu simbolismo.



NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**DISCURSO DO PROFESSOR MAXIMINO
CORREIA, NO BANQUETE EM HONRA
AO PRESIDENTE DO BRASIL, NA UNI-
VERSIDADE DE COIMBRA, A 24 DE
ABRIL DE 1955.**

A solenidade que hoje se desenrolou na Universidade de Coimbra tem um significado que transcende a real demonstração do alto aprêço pessoal, para assumir importância como consagração de uma política em que estão empenhadas duas Pátrias.

O Brasil e Portugal, dois solares da mesma nobreza, duas casas da mesma família, dois corpos com uma mesma alma, reencontram-se nessa alma pela fôrça incoercível do espírito.

Nem sempre o limitado entendimento humano alcança os desígnios da Providência, mas hoje, que celebramos o ingresso do primeiro magistrado da Nação Irmã no Claustro universitário de Coimbra, afigura-se-nos que mais que uma efeméride histórica, simples corolário do que temos de comum no passado e penhor do que nos ligará indissolúvelmente no futuro, o evento tem, para nós, a marca inelutável de uma predestinação.

Não foi decerto mera casualidade que fêz derramar as primeiras luzes do ensino em terras de Santa Cruz o Jesuíta Antônio Rodrigues.

Foi, sim, a iniciativa do homem extraordinário que era Manuel da Nóbrega, chegado ao Brasil, abrasado em amor de Deus e da Pátria, que evangelizou e organizou, lançando as boas sementes às almas e às terras.

Foi êle o grande fundador da metrópole de Piratininga que reconheceu em Antônio Rodrigues, por tão rapidamente aprender os dialetos autóctones, o homem apropriado para a instituição do ensino, para criar a primeira escola primária e a primeira aula de latim.

Nóbrega concebeu, Rodrigues executou. E, quando relembramos que Nóbrega ali recebeu o grau de bacharel em Cânones no ano de 1541 e que o defeito de ser tardo na fala o impediu de se prender para sempre ao ensino nesta Universidade, vemos bem patente a onipotência divina a propeler êsse ínclito varão para mais altos destinos.

Vossa Excelência, Senhor Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, frequentou a Academia de Ciências Jurídicas e Comerciais do Recife, decerto filiada ou identificada com a Faculdade de Direito, prolongamento da Escola fundada em Olinda em 1827.

Apesar de transcorridos quase quatro anos sôbre a minha viagem ao Brasil, ainda hoje sinto um calafrio de emoção ao evocar essa cidade, estática na sua beleza contemplativa, terra lusitana em cenário tropical, risonha, plácida e calma, ao lado da febril e trepidante Recife.

Foi aí, no seu mosteiro beneditino, que funcionaram os primeiros cursos de leis que, se não se regularam pelos Estatutos da Universidade de Coimbra, como se propusera no primeiro projeto de lei, obedeceram à estrutura jurídica elaborada pelo Dr. Luís José de Carvalho e Melo, Visconde de Cachoeira, Bacharel pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Por tôda a parte — como em Olinda ou no Recife, em São Vicente, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia . . . — as luzes de Coimbra rebrilharam nos governadores, nos missionários, nos letrados, nos militares, nos legisladores, nos revolucionários.

Com razão escreveu o vosso . . . e nosso Afrânio Peixoto: “Coimbra, o espírito da minha raça vive e mora em ti . . . oratório de Portugal e do Brasil . . .”

Ê, pois, neste oratório de duas Pátrias que Vossa Excelência veio ajoelhar em espírito para receber a suprema honra que podemos conferir-lhe.

Representante de um país que é sangue do nosso sangue, nêle nos revemos, na sua grandeza, nos seus costumes, na sua língua, nas suas crenças, com o desvanecimento com que um pai contempla um filho querido.

Trouxe-nos Vossa Excelência uma alma de idealista, iluminada pelo mais puro amor a Portugal; recebe em troca os louros da honraria e os abraços reverentes dos confrades que alvoroçadamente o acolheram, honrados êles também com tão egrégia presença.

Senhor Presidente da República Portuguêsa: Pela segunda vez honra Vossa Excelência a Universidade de Coimbra, acolhendo-se aos seus venerandos muros.

Sempre vista e acarinhada pelos nossos Chefes de Estado, com o amor e a deferência que se deve a uma instituição cuja vida se confunde com a da própria nacionalidade, ei-la a render as suas mais altas homenagens ao Senhor Presidente, em quem vê a encarnação viva das virtudes da grei.

Vossa Excelência assistiu pela forma mais discreta ao ato de doutoramento solene do Senhor Presidente da República Brasileira.

Com isto nos quis significar, decerto, que, sem se prevalecer das prerrogativas que lhe pertencem pela mais alta hierarquia da Nação, antes representou o bom povo português, a consagrar com júbilo os invulgares atributos pessoais do doutorando e, mais ainda, as virtudes e grandeza do fraterno povo brasileiro que êle representa.

Meus senhores: Afonso Lopes Vieira disse algures que o Brasil e Portugal quando se desentenderam, por o terem dito no mesmo idioma, disseram um ao outro um *adeus* de amor.

Afeição profunda esta que tem as suas longínquas raízes de quatro séculos e meio de comunhão do sangue e do espírito, nos mesmos triunfos e misérias, em idênticas

glórias e servidões, mas que sobrevive e floresce e se difunde e avigora nas vontades conscientes da imensa comunidade luso-brasileira.

A Universidade de Coimbra, luzeiro de duas Pátrias, rejubila por poder saudar com respeito e veemência, em Vossas Excelências, Senhor Presidente da República Brasileira e Senhor Presidente da República Portuguesa, os lídimos representantes de dois povos que sempre caminharam de mãos dadas pelos caminhos da justiça e do progresso.

PR 25061

UM ESTUDANTE PORTUGUÊS SAÚDA
O PRESIDENTE DO BRASIL

*O ESTUDANTE ANTÓNIO MANUEL DE
MASCARENHAS GALVAO, PRESIDENTE
DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA, LÊ MEN-
SAGEM DE SAUDAÇÃO AO PRESIDENTE
CAFÉ FILHO, NA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA, A 24 DE ABRIL DE 1955.*

Terminado o banquete, seguiu-se a recepção nas salas das Congregações e da Faculdade de Letras. O Sr. Dr. Café Filho recebeu os representantes dos vários organismos acadêmicos. O estudante Antônio Manuel de Mascarenhas Galvão, presidente da Associação Acadêmica, leu a seguinte mensagem:

A direção da Associação Acadêmica associa-se à superior e merecida homenagem da sua Universidade, saudando a terra irmã do Brasil, que vem até nós na figura prestigiosa do seu Presidente. A V. Ex.^a rogamos que seja o intérprete da gratidão que sentem todos os estudantes que alguma vez receberam o fraterno abraço dos brasileiros, bem como do orgulho daqueles que, a distância, suportaram o eco de tão honrosa amizade.

FALA EM COIMBRA UM ESTUDANTE BRASILEIRO

O ESTUDANTE BRASILEIRO, FERNANDO DE ALBUQUERQUE MOURAO, EM NOME DOS SEUS COMPATRIOTAS QUE FREQUENTAM A UNIVERSIDADE DE COIMBRA, LE MENSAGEM DE SAUDAÇÃO AO PRESIDENTE CAFÉ FILHO, A 24 DE ABRIL DE 1955.

Nesta hora em que se alvoroçou o povo português para acolher apoteoticamente a prestigiosa figura do mais alto magistrado da Nação brasileira, nós, rapazes brasileiros, que fazemos os nossos estudos nesta histórica Universidade de Coimbra, não poderíamos ficar silenciosos; não poderíamos mesmo limitar-nos ao sentimento geral de simpatia e hospitalidade que arrebatava esta cidade, metrópole da cultura portuguesa. Por impulso do coração, mais do que por imperativo da consciência cívica, eis-nos aqui para, em especial, saudar V. Ex.^a, a quem em boa hora foi entregue a representação política da Nação brasileira, e deixar vincada, no coração de V. Ex.^a, a lembrança de ter encontrado vibrando, nesta antiga e tradicional Coimbra, um grupo de estudantes brasileiros, um pouco da substância já imperecível, da alma brasileira. Nós, estudantes brasileiros, queremos saudar a insigne pessoa de V. Ex.^a, fazendo votos pelo contínuo progresso do Brasil e pela perpetuação dos laços de amizade entre dois países irmãos que ao Mundo têm dado uma lição de solidariedade sincera e de profícua cooperação entre os povos.

NA CIDADE DO PÔRTO

PALAVRAS DE SAUDAÇÃO AO PRESIDENTE CAFÉ FILHO, PROFERIDAS PELO ENGENHEIRO JOSÉ VAZ, PRESIDENTE DO MUNICÍPIO PORTUENSE, A 25 DE ABRIL DE 1955.

O presidente do Município portuense, Sr. Engenheiro José Machado Vaz, saudou nestes têrmos os dois ilustres visitantes:

É tão solene êste momento, representa para esta cidade tal distinção e honra a presença simultânea dos dois Chefes de Estado que, ao iniciar as breves e apagadas palavras desta saudação, eu tenho de confessar, com a sinceridade de homem do Norte e a exatidão de um axioma de matemática, a falta de indispensável sabedoria, de beleza literária, de arte de dizer, predicados imprescindíveis para se poder traduzir, com alguma verdade, a nobreza e a realidade dos sentimentos afetivos de aprêço, respeito e gratidão que a gente do velho burgo portuense hoje sente brotar do seu coração, sempre generoso, e da sua consciência, sempre reta, pela honra insigne com que é distinguida.

A visita que Sua Excelência o Presidente da República do Brasil, dêsse Brasil que é uma incomensurável pátria moderna, acompanhado por Sua Excelência o Presidente da República de Portugal, a velha pátria onde se pode aprender o sêgrêdo da justa medida, o equilíbrio da experiência vivida, a receita de alguns valores que o progresso espezinha na cegueira mecânica de chegar depressa, se digna fazer ao Pôrto tem de ser tomada, por um lado, como penhoradíssima expressão de um sentimento pessoal afetivo por esta cidade da Virgem, pela região que ela capitaneia, região que tem sido a fonte mais pujante e inesgotável dessa transfusão de sangue que desde os alvares do século XVI tem vindo a irmanar para sempre as duas pátrias atlânticas, e, por outro lado, como perene testemunho público dos laços fortes, por serem de natureza

familiar, que unem a grande Nação brasileira ao Pôrto e à gente do Norte.

E terminou:

Por tôdas as razões, a visita de Vossa Excelência, Senhor Presidente da República do Brasil, é para nós sumamente desvanecedora e sensibiliza-nos profundamente, porque a interpretamos não só como solene testemunho de retribuição da amizade antiga e leal que aqui se nutre há séculos pelo grande país irmão do lado de lá do Atlântico mas como início de uma nova era de mais íntima e forte entreaajuda dos dois países.

Digne-se Vossa Excelência, Senhor Presidente, aceitar a expressão sincera do nosso vivo e imperecível reconhecimento por ter vindo até nós.

A Sua Excelência o Senhor General Craveiro Lopes eu peço licença para, mais uma vez e com o maior júbilo e reconhecimento, agradecer a visita a esta cidade, onde Vossa Excelência, Senhor Presidente, goza de tantas e tão justificadas simpatias, reafirmando-lhe o nosso maior respeito, a nossa mais alta consideração, a nossa mais sincera estima e gratidão.

Para terminar seja-me permitido, Senhor Presidente, formular os votos mais sinceros e ardentes por que os laços seculares que fraternalmente prendem entre si o Brasil e Portugal mais se estreitem cada dia, e que a Comunidade Luso-Brasileira, tão bem simbolizada pela presença simultânea dos dois eminentes Chefes de Estado e definida nesse Tratado de Amizade e Consulta ainda há pouco negociado e firmado com tão oportuna visão política, venha a ser o instrumento decisivo de uma solidariedade cada vez mais forte entre os dois Países.

A visita de Vossas Excelências, Senhores Presidentes das Repúblicas de Portugal e do Brasil, marcará uma data inesquecível para esta cidade cuja história se confunde, através dos séculos, com a da pátria portuguesa e cujos sentimentos são de fraterna estima e admiração pelo Brasil.

AINDA NA CIDADE DO PÔRTO

*DISCURSO DO PRESIDENTE CAFÉ
FILHO NA RECEPÇÃO DA CIDADE DO
PÔRTO, A 25 DE ABRIL DE 1955.*



Senhor Presidente da República,

Senhor Presidente da Câmara:

Muito me sensibilizaram as manifestações com que as autoridades e o povo do Norte de Portugal me acolheram. Sinto que a minha visita à Terra lusitana seria incompleta, se não fôsse estendida a esta região que tão de perto fala ao coração dos brasileiros.

No discurso de saudação que proferiu esta manhã, o ilustre presidente da Câmara Municipal do Pôrto recordou a circunstância de ter sido um filho desta cidade, Pero Vaz de Caminha, quem "lavrou o ato de nascimento do Brasil". Tão significativa particularidade marca definitivamente a aproximação de espírito e de sangue que liga esta cidade e a minha Pátria.

Foi nas ruas do Pôrto que o primeiro Imperador do Brasil, vosso admirável Pedro IV, depois de realizar as aspirações nacionais do meu País, proclamando-lhe a independência, veio celebrar-se como defensor da liberdade em Portugal. Amando as duas Pátrias com o mesmo entusiasmo e lutando pelo progresso de ambas com a mesma bravura, êle foi um dos artífices desta comunidade luso-brasileira que através do tempo se vem consolidando e ampliando. Ao penetrar no Pôrto, o meu pensamento voltou-se para a figura daquele rei que é tão nosso quanto vosso, e cujas virtudes de heroísmo tiveram a sua demonstração suprema no famoso cêrco aqui por êle enfrentado vitoriosamente no curso de vários meses.

Há séculos que da foz do Douro partem barcos sucessivos levando contingentes de filhos desta região que se

vão incorporar, com o seu trabalho e a sua inteligência, à Nação brasileira. O Pôrto torna-se assim um núcleo de progresso e dinamismo, a expandir-se através do Atlântico. O Brasil tem procurado corresponder a essa colaboração. Os portugueses são lá recebidos de braços abertos, sentem-se como em sua própria terra, em casa de irmãos, em que são entendidos os seus costumes, a sua linguagem, a sua religião. Seu esforço honesto tem a justa recompensa. Eles se integram em nossa vida familiar, participando de nossas alegrias e de nossas dificuldades. Não há exemplo de tanta identidade de interesses, idéias e de sentimentos.

Senhor Presidente da República,

Senhor Presidente da Câmara:

Ao agradecer tão cativante hospitalidade, quero deixar igualmente consignado o reconhecimento de meus patrícios pela inestimável contribuição moral e material que os filhos desta região têm prestado ao progresso do Brasil. Ao erguer a minha taça em honra de V. Ex.^a, Senhor Presidente da República, é com satisfação que saúdo os portenhos e os portugueses em geral, formulando votos pela felicidade de todos.

NA CÂMARA MUNICIPAL DO PÔRTO

*PALAVRAS PROFERIDAS PELO ENGE-
NHEIRO JOSÉ VAZ, PRESIDENTE DA
CAMARA MUNICIPAL, SAUDANDO O
PRESIDENTE CAFÉ FILHO, A 25 DE
ABRIL DE 1955.*



A presença simultânea e emocionante de Vossas Excelências, Senhores Presidentes, nesta cidade, ficará constituindo seguramente uma das mais notáveis e belas efemérides dos fastos do Município que eu tenho a subida honra de representar.

Nós sabemos que esta visita traduz expressiva afirmação pública de amizade do Brasil e Portugal, inequívoca manifestação de solidariedade do mundo que fala português e, mais ainda, o desejo de estreitar mais forte e mais intimamente a comunidade luso-brasileira.

Cabe-me a grata honra de, em nome desta cidade na qual o civismo e o amor da Pátria não são palavras vãs, reafirmar a Vossas Excelências, Senhores Presidentes das Repúblicas do Brasil e de Portugal, o nosso mais vivo e profundo agradecimento pela subida honra que nos deram dignando-se visitar o Pôrto.

Orgulha-nos e comove-nos esta fraternidade entre o velho Portugal, que não é uma grandeza em decadência, mas uma força sempre obstinada e triunfante no seu caminho, que realiza hoje as façanhas que realizou outrora na modalidade que o tempo agora condiciona e permite, que vai às mesmas Áfricas, às mesmas Índias e ao mesmo Novo Mundo, onde espalha ainda como outrora a sua língua, a sua fé, os seus costumes e a sua humanidade, numa dádiva fraterna de pacífico convívio — e a jovem Nação de Além-Mar, futuro gigante da civilização de amanhã.

Brindando pela saúde e pelas felicidades pessoais de Vossas Excelências, Senhor Dr. João Café Filho e Senhor General Craveiro Lopes, eu brindo também pela grandeza e prosperidade da Pátria Brasileira e da Pátria Portuguesa.



AINDA NA CÂMARA MUNICIPAL DO PÓRTO

*DISCURSO DO PRESIDENTE JOÃO CAPE
FILHO PRONUNCIADO POR OCASIAO
DA VISITA FEITA A CAMARA MUNICI-
PAL DO PORTO, A 25 DE ABRIL DE 1855.*

Senhor Presidente da República Portuguesa;

Senhor Presidente da Câmara Municipal do Pôrto:

A visão atual do Pôrto e as sugestões de sua história milenar me proporcionam o sentimento de que me encontro no coração de Portugal.

Para nós, brasileiros, esta cidade, tão intimamente vinculada às origens do nome do vosso país, tem especial significação afetiva. A esta região do Norte, pertence a maioria dos portugueses do Brasil. Eles têm influído muito, com os seus costumes minhotos, no temperamento dos meus compatriícios. A topografia brasileira está salpicada de nomes oriundos desta área do território lusitano.

Os pontos de contato sentimentais, históricos e culturais que unem esta célebre e ilustre cidade ao meu país, justificariam plenamente esta visita que faço com intenso prazer, se para êste gesto fôsse necessária uma explicação. Aqui se conserva a casa em que nasceu o Infante Dom Henrique, inspirador de Sagres e responsável indireto pelo descobrimento do Brasil.

Em majestoso monumento perpetuais a excepcional figura daquele que é para nós Pedro I e para vós Pedro IV, Imperador do Brasil e Rei de Portugal. Seu coração generoso e impulsivo, que tanto palpitou pelo Brasil, está entregue à lealdade desta formosa e tradicional metrópole.

Depois de amar tanto as duas pátrias, de cuja liberdade e grandeza foi um paladino, êle mesmo formulou desejo de que, depois de sua morte, se confiasse ao Pôrto a

guarda daquilo que foi o seu maior tesouro, pois era a sua própria vida. Bem podereis imaginar a minha emoção ao visitar a cidade em que se conserva tão precioso legado, que é o coração daquele que foi o primeiro Imperador de minha pátria e o instrumento realizador de suas aspirações de nacionalidade e independência. O Pôrto está impregnado de expressivas e agradáveis recordações literárias, através de escritores e poetas, que gerações inteiras de brasileiros aprenderam a conhecer e a admirar. Como se tudo isto não bastasse para assinalar os vínculos de aproximação entre a vossa cidade e o meu país, esta Câmara Municipal teve um gesto galante de batizar, com o nome do Brasil, a vossa mais bela relíquia.

Senhor Presidente. Senhores Vereadores. Em meu nome e no do meu país, quero expressar os mais sinceros agradecimentos pelas vossas homenagens. Por vosso intermédio, desejo estender o meu profundo reconhecimento à vibrante e generosa população do Pôrto, tão indissolúvelmente ligada aos brasileiros, por laços de sangue e de sentimento. Aqui, como em Lisboa, o povo associou-se às autoridades, para oferecer tão calorosa e inesquecível acolhida, que é mais uma consagração pública da comunidade luso-brasileira.

Pela voz de seus governos e de suas populações, Portugal e o Brasil reafirmam perante o mundo o inabalável propósito de continuarem lado a lado e unirem seus esforços na realização do mesmo destino.

NA CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES

**SAUDAÇÃO PROFERIDA PELO DR. JOSÉ
MARIA DE CASTRO FERREIRA, PRESI-
DENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE GUI-
MARÃES, SAUDANDO O PRESIDENTE
CAFÉ FILHO, A 25 DE ABRIL DE 1955.**



Encontra-se V. Ex.^a — Senhor Presidente da República do Brasil — na Terra Mater da Nacionalidade Portuguêsa, precisamente onde primeiro se acalentou o sonho duma pátria e onde, por isso mesmo, se abriram os seus alicerces mais fundos.

Depois seguiu-se a gesta assombrosa da Conquista, que nos deu a expansão territorial com fisionomia espiritual inconfundível, a que o sôpro vivificador do Cristianismo havia de imprimir marca imorredoura.

Assim, sob o império da Fé se talhou esta Pátria de Heróis, de Guerreiros, de Santos, de Poetas, Letrados, Sábios e Artistas.

Heróis, como os que primeiro se bateram a dois passos dêste monumento, aqui bem perto — em São Mamede;

Guerreiros e Santos, como Nuno Álvares;

Poetas, como Camões e Antero;

Letrados, como os trovadores, cronistas do Reino, Herculano e Garrett;

Sábios, como Garcia de Orta, Francisco Sanches, Pedro Nunes e Martins Sarmiento;

Artistas, como Nuno Gonçalves e Soares dos Reis — teoria imensa e gloriosa que se afirmou no espaço e no tempo, de molde a consolidar caminhada heróica de oito séculos de existência ao Serviço do Espírito.

Foi Guimarães, no dizer do saudoso embaixador Alberto de Oliveira, o dia 1 de Portugal. Nada mais verdadeiro.

E terminou:

Que Vossa Excelência seja bem-vindo ao solo sagrado desta pátria que em Guimarães tem o seu melhor pórtico, por ser o pórtico grandioso e luminoso da História dum povo, com serviços inestimáveis prestados durante séculos à causa da Humanidade.

Queira Vossa Excelência receber as ofertas que a Câmara Municipal de Guimarães resolveu confiar às mãos de Vossa Excelência como testemunho de admiração e gratidão.

Findo o discurso, três camponesas adiantaram-se para o Presidente Café Filho e entregaram-lhe uma péla de linho, um exemplar do Livro de Ouro da cidade, luxuosamente encadernado, e um artístico cofre de ferro forjado contendo terra do Castelo.

SAUDAÇÃO À TERRA DE AFONSO HENRIQUES

*DISCURSO DO PRESIDENTE JOAO CAFE
FILHO AGRADECENDO A SAUDAÇÃO
QUE LHE FOI FEITA PELO PRESIDENTE
DA CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMA-
RAES, A 25 DE ABRIL DE 1955.*

A visita a Guimarães é sempre a etapa mais tocante de uma viagem a Portugal. Mais do que em qualquer outra parte dêste belo país, sente-se aqui a emoção de evocar a sua gloriosa história. Portugueses e brasileiros, temos o culto de vários heróis comuns. Afonso Henriques, nascido nesta localidade, é como fundador da nação lusitana um antepassado dos que descobriram e povoaram o Brasil. Vindo até aqui para render as minhas homenagens ao criador desta nacionalidade, de cuja irradiação surgiu depois a minha pátria, tenho a sensação de uma visita de ternura às mais remotas origens do meu país. Nós, brasileiros, temos em Guimarães um pouco do nosso berço de povo civilizado.

Do alto do castelo famoso contempla-se ainda hoje a mesma planície tranqüila e silenciosa que Afonso Henriques descortinava diàriamente, enquanto arquitetava planos de combate às hostes sarracenas e hábeis tratados de paz com o seu primo de Castela.

No Brasil a lembrança de Guimarães está bem viva, na presença de numerosos portugueses daqui oriundos e que emigraram para a sua segunda pátria. O povo carioca, especialmente, tem um traço de afinidade com esta cidade tradicional, através da devoção a Nossa Senhora da Penha, cujo templo, lá como aqui, está situado numa colina, para onde afluem as legiões de peregrinos.

Nesta rápida excursão ao Norte de Portugal, não poderia recusar o convite para visitar Guimarães. Receba os mais sinceros agradecimentos, Senhor Presidente da

Câmara, pela recepção carinhosa com que esta cidade veneranda e progressista me acolhe, honrando na minha pessoa o governo e o povo do meu país. Trago dos meus compatriotas uma mensagem de amizade. Pela voz do seu Presidente, o Brasil saúda a terra de D. Afonso Henriques e volta-se com afetuoso respeito para as suas raízes mais distantes, plantadas em Guimarães, fonte comum da história de nossas duas Pátrias.

**O PRESIDENTE DO BRASIL RECEPCIONA
NO PALÁCIO QUELUZ**

DISCURSO PRONUNCIADO PELO PRESIDENTE CAFE FILHO RECEPCIONANDO O PRESIDENTE, GENERAL CRAVEIRO LOPES, NO PALACIO QUELUZ, A 27 DE ABRIL DE 1955.

Muito me desvanece a honra de receber Vossa Excelência. E a minha emoção redobra ao lembrar-me de que, depois do Imperador Pedro II, esta é a primeira vez que a um chefe de Estado brasileiro toca o agradável privilégio de homenagear em Portugal o seu magistrado supremo.

Acredite Vossa Excelência que é para mim uma fonte de doces emoções cívicas a visita a esta capital extraordinariamente rica de história e de beleza. Cidade heróica, vencedora de guerras e terremotos, Lisboa foi durante muito tempo a metrópole do meu país. Daqui, das águas dêste mesmo Tejo, partiram as frotas que do mundo desconhecido e dos segredos do Atlântico sacaram para a civilização a terra que é hoje a nação brasileira. Dos conselhos reais que nestas colinas tiveram assento emanaram as ordens e normas destinadas a formar nos trópicos a nova Lusitânia. Homens, técnicas e cultura daqui seguiram para a nova pátria que se espraiava sôbre as glebas conquistadas ao gentio, à natureza agreste e à cobiça estrangeira.

Ao chegar aqui, proveniente de outras terras da Europa, o brasileiro sente no corpo e na alma as mensagens do Brasil distante. Aos que vêm da Pátria, Lisboa é a continuação das emoções habituais, em que arrefecem os impulsos da saudade. Esta cidade tanto deu ao Brasil e tanto dêle recebeu que em seu todo lusitano ficaram para sempre resíduos e incrustações do meu país.

Houve tempo, em nossa história comum, em que Lisboa era o empório da América portuguesa. Aqui entravam, para circular nos mercados europeus, os produtos e as riquezas do meu país em sua fase colonial.

No atual Tratado de Amizade e Consulta palpita essa inspiração do passado, quando nêle se propugna por um desenvolvimento mais intenso das relações entre Portugal e o Brasil, no setor econômico. Esperemos que o evoluir da comunidade luso-brasileira transforme em realidade tão justo anseio.

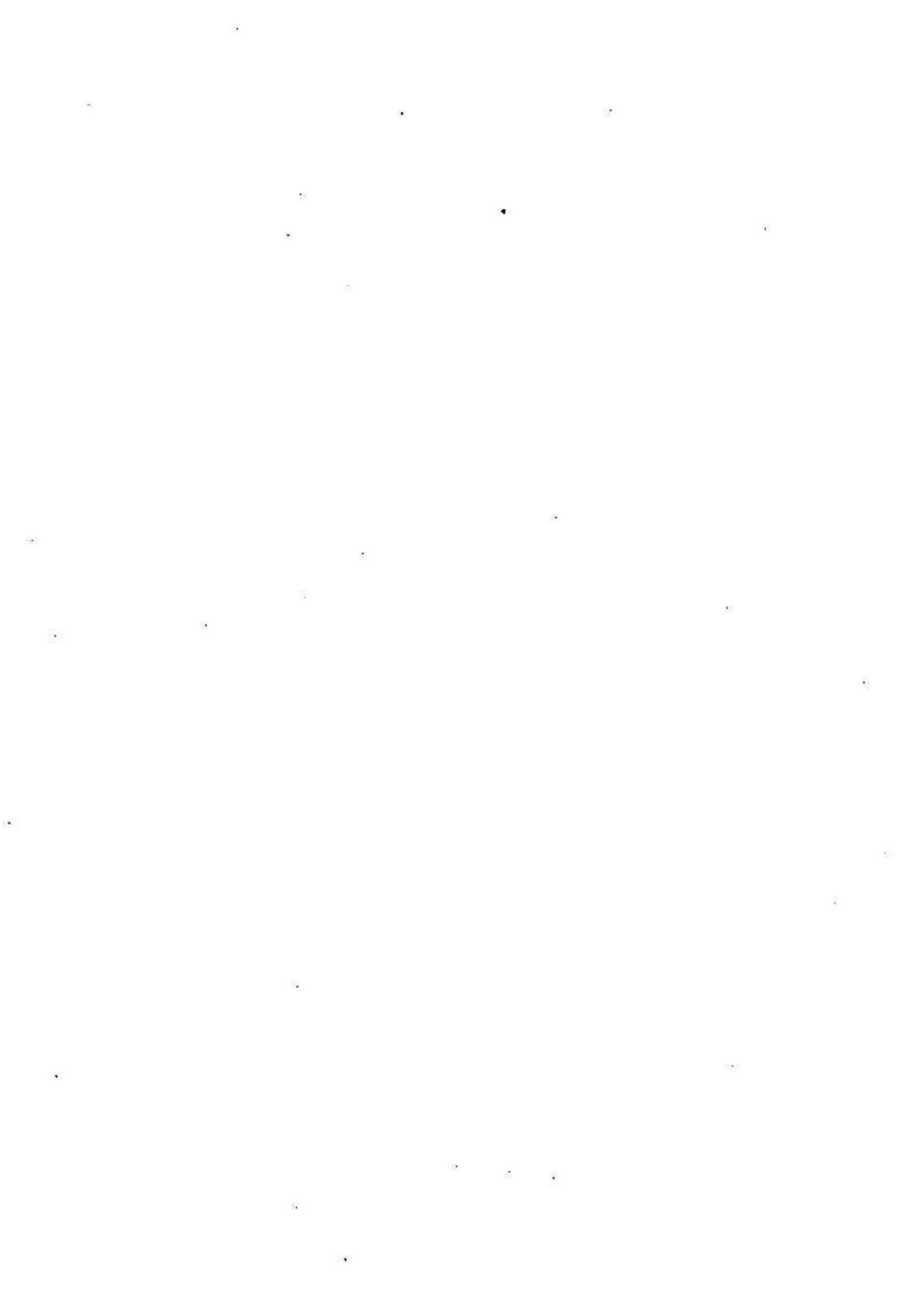
Sabe Vossa Excelência, Senhor Presidente, que a independência do Brasil, reconhecida pela nação portuguesa há mais de um século, jamais foi motivo de ressentimentos que fizessem os dois países afastar-se um do outro. Bem ao contrário, não tardou a contribuir para um clima de entendimento mais sadio e fecundo.

Se faltassem outras demonstrações do entrelaçamento de destinos de nossas pátrias, bastariam as sugestões de que êste momento e êste próprio local são férteis. O Presidente do Brasil está hospedado no mesmo palácio em que nasceu e morreu um dos nossos mais fascinantes heróis comuns, aquêlle que, sob o nome de Pedro IV de Portugal, e Pedro I em meu país, lutou pela liberdade dos dois povos, deixando para todos nós um exemplo imperecível de sentimento luso-brasileiro.

E' sob as inspirações do mais puro e dedicado amor a Portugal e ao Brasil que nos encontramos aqui reunidos, Senhor Presidente, depois das grandiosas manifestações com que as autoridades e as populações lusitanas reafirmaram publicamente os seus profundos sentimentos de fraternidade para com a minha Pátria. Na véspera de encerrar esta inesquecível jornada, que tanto me emocionou, através de tantas e tão efusivas provas de afetuosa e irresistível amizade, muito me agrada renovar o tributo da minha admiração pessoal e o fraternal aprêço do meu país a Vossa Excelência, Senhor General Craveiro Lopes, em cuja honra levanto a minha taça, fazendo votos pela sua felicidade e de sua excelentíssima espôsa, pela prosperidade de Portugal e pelo bem-estar crescente do seu nobre povo.

DESPEDIDA DO PRESIDENTE DO BRASIL

PALAVRAS PRONUNCIADAS PELO PRESIDENTE CAFE FILHO AO PARTIR PARA GUINÉ E CABO VERDE, EM 2 DE MAIO DE 1955.



As visitas do Chefe do Estado, membros do Govêrno e outras altas entidades às províncias do Ultramar tornaram-se tão freqüentes que as podemos considerar como atos normais na vida do País.

No entanto, não quero deixar de saudar, no momento da minha partida para a Guiné e Cabo Verde, os compatriotas das outras províncias do Ultramar e da Metrópole, assegurando-lhes que farei quanto me fôr possível para bem cumprir a grata missão que me leva àquelas parcelas do território pátrio.



ALMÔÇO NO PALÁCIO DE SINTRA

PALAVRAS PRONUNCIADAS PELO PROFESSOR PAULO CUNHA AO RECEPCIONAR OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES E DA MARINHA BRASILEIROS, NO PALÁCIO DE SINTRA, A 23 DE ABRIL DE 1955.



São efusivas e cordiais as saudações que, em nome do ministro da Marinha de Portugal e em meu próprio nome, tenho a honra de dirigir a Vossas Excelências. Foi-nos dado a ambos o privilégio de estar recentemente no Brasil em missão oficial, recebendo o carinho e afeto do acolhimento brasileiro: bem podemos testemunhar, com um saber de experiência feita, como êle é inexcedível. Mas tivemos mais o beneficio de privar então com Vossas Excelências, e de assim apreciar os primores do seu trato e requintes da sua convivência. Já entre nós se estabeleceram laços de funda estima pessoal. Compreende-se, pois, com que satisfação vemos aqui os nossos colegas brasileiros e como desejamos que o agasalho da terra e das gentes portuguesas lhes seja tão grato como para nós foram as impressões que do Brasil trouxemos.

Estão Vossas Excelências integrados em missão do mais alto significado, acompanhando na sua visita oficial ao meu país Sua Excelência o Presidente dos Estados Unidos do Brasil, a quem presto respeitosa homenagem. Não podia ser mais oportuna esta visita — no limiar da vigência do Tratado de Amizade e Consulta que prende mais ainda os dois povos. Bem sei que os dados sociais que estão na base do Tratado e lhe insuflam a vida real que o anima não são de hoje e vêm de muito longe. Sem embargo, com situar-se numa realidade social, continua a corresponder a sentimentos e anseios há muito existentes, êle é a concretização nova, em linguagem diplomática, de um estado de espírito que nem por ser muito forte deixava de carecer de expressão articulada; corporiza aquêles sentimentos e anseios — e constitui um marco miliário na linha de evolução das relações luso-brasileiras.

Vêm, na verdade, de muito longe os dados sociais que estão na base do Tratado e são a própria substância da Comunidade que formamos. E' que a história da Pátria Lusitana é história de Portugal e é história do Brasil. Mergulhamos as nossas raízes em glorioso passado distante, quando há oitocentos anos eram berço da nacionalidade essas venerandas pedras de Guimarães que em tão belo simbolismo o Presidente do Brasil vai homenagear. Vivemos depois longos séculos juntos, como partes de um só todo nacional. A grande árvore passou por fim a vicejar em distintas frondes, dos dois lados do Oceano: cada Pátria venceu sua personalidade e seguiu rumos políticos próprios. Com que alegria e orgulho Portugal viu e vê o maravilhoso desenvolvimento dêsse outro Estado, seu fraterno par, que nas terras da América afirma o gênio da cultura comum! Mas a seiva que vivifica as duas Nações é sempre a mesma — na raça e na língua, no espírito e na fé, na estruturação jurídica, na concepção de vida.

É tudo isto — e muito mais — que permite compreender o milagre da nossa comunidade, grande unidade moral a sintetizar plena dualidade política.

Concluirei. Honra é para nós ver em tórno desta mesa tão altos representantes da Diplomacia e da Marinha do Brasil. Brindo pelos êxitos de uma e outra, continuação no futuro de fatos gloriosos que enriquecem o pretérito. Para Vossas Excelências e suas espôsas, gentilíssimas senhoras, vão os nossos melhores votos. E peço a todos me acompanhem, levantando as nossas taças, por Sua Excelência o Presidente dos Estados Unidos do Brasil.

AINDA NO PALÁCIO DE SINTRA

*PALAVRAS PROFERIDAS PELO CHAN-
CELER DO BRASIL, DR. RAUL FER-
NANDES, EM RESPOSTA AO DISCURSO
DE SAUDAÇÃO DO MINISTRO DOS NE-
GÓCIOS ESTRANGEIROS DE PORTU-
GAL, DR. PAULO CUNHA, A 23 DE ABRIL
DE 1955.*



Em nome do meu colega o ministro da Marinha do Brasil e no meu próprio nome agradeço-lhes, Srs. Ministros, a afetuosa reunião com que Vossas Excelências ora nos agasalham. Num requinte de cortesia, dignaram-se Vossas Excelências separar-nos da comitiva do Presidente Café Filho e tributar-nos uma especial homenagem, inserida como um tema precioso na deslumbrante sinfonia que o Governo e o povo de Portugal estão desde ontem compondo tão carinhosamente em louvor do Brasil.

Laços pessoais nos uniram, é certo, desde que Vossas Excelências honraram com suas recentes visitas o Rio de Janeiro. Mas por si sós êsses vínculos não explicariam esta manifestação se não concorressem, para os estimular, os pendores ancestrais que nos irmanam, a nós Brasileiros, ao velho tronco lusitano.

O primeiro império que o Mundo conheceu foi criado pelo heroísmo dos Portugêses. Dêle subsistem valiosos elementos espalhados em todos os continentes, menos na América. Mas se aí, com a independência do Brasil, veio a faltar a Portugal o suporte territorial da soberania, ficou-lhe não só a glória do descobrimento, mas também a outra glória do mais alto e duradouro padrão jamais erguido por um povo para perpetuar a memória do seu valor.

Ao gênio português devem os Brasileiros a sua esplêndida unidade, cimentada por uma só religião, uma só língua e um só direito. Estas são as traves que não deixaram desconjuntar-se o Brasil nas lutas intestinas que o sacudiram tantas vêzes. Espero em Deus que essas vigas poderosas o conservarão unido para sempre.

Nos dias fastos que estamos vivendo ao calor da amizade portuguesa, recordamos a cada momento a velha dívida que temos para convosco, e que havemos de amortizar — pois que pagá-la por inteiro seria impossível — com quantas achegas se nos deparam nos caminhos da História.

Jamais esqueceremos que lá onde ainda hoje só chegamos por avião na imensidade do Brasil, nas ínvias florestas equatoriais, nos longínquos limites com a Bolívia, o Peru, a Colômbia e as Guianas encontramos os vestígios dos fortins e fortalezas que balizaram e defenderam o colossal território e onde chegaram. Deus sabe com que penas, armas de guerra cujo pêso ascende a toneladas!

Foram êsses estabelecimentos, construídos com os trabalhos esforçados de soldados, aventureiros e missionários, que nos deram os títulos legítimos que firmaram o nosso direito nas controvérsias internacionais em que se fixaram, a nosso favor, fronteiras tão distantes que mais se diriam de um continente do que de um país.

Srs. Ministros: em nome do meu colega da Marinha e no meu próprio agradeço muito sensibilizado e de coração esta carinhosa homenagem. E levanto a minha taça pela prosperidade sempre crescente da nobre Nação Portuguesa e pela felicidade pessoal de Vossas Excelências.